

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

ATA DA 516ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA CONGREGAÇÃO DO IFUSP

ATA – Aos vinte e nove de junho de dois mil e dezesseis, às 9h13minutos, no Auditório Abraão de Moraes, reuniu-se, em 3ª Convocação, a Congregação do Instituto de Física da Universidade de São Paulo, sob a presidência do Senhor Diretor, Prof. Marcos Nogueira Martins e com a presença do Vice-Diretor, Prof. Manfredo Harri Tabacniks e dos seguintes membros; **Professores Titulares**: Prof. Dr. Vito Roberto Vanin (até 10h48min); **Chefes de Departamento**: Profs. Drs. Antonio M. Figueiredo Neto (após 09h35min), Valmir Antonio Chitta (suplente) (até 10h55min) e Elisabeth Mateus Yoshimura (até 11h48min); **Presidente de Comissão**: Prof. Dr. Marcelo Gameiro Munhoz (até 10h55min); **Professores Associados**: Profs. Drs. Alexandre A. do Passo Suaide (até 11h22min) e Marcelo Martinelli; **Professores Doutores**: Profs. Drs. Ivã Gurgel, Marco Bregant (suplente) (após 10h55min até 11h12min), Nemitala Added, Nora Lia Maidana (suplente) (até 10h48min); **Representantes Discentes**: Srs. Mariana Afeche Cipolla, Renata Biaggi Biazzi e Zeca Ribeiro de Carvalho; **Representante dos Servidores não docentes**: Sra. Simone Perche de Toledo (após 09h35min). Encontram-se **afastados** os seguintes membros docentes: **Professores Titulares**: Profs. Drs. Antonio José Roque da Silva, João Carlos Alves Barata e Mário José de Oliveira. Não compareceu à reunião e **apresentou justificativa**: **Chefe de Departamento**: Profa. Dra. Euzi Conceição F. da Silva; **Presidente de Comissão**: Prof. Dr. Alain Andre Quivy; **Professor Doutor**: Profa. Dra. Carmen Silvia de Moya Partiti. Não compareceram à reunião e **não apresentaram justificativa**: **Professores Titulares**: Profs. Drs. Adilson José da Silva, André Bohomoletz Henriques, Armando Corbani Ferraz, Edilson Crema, Elcio Abdalla, Fernando Silveira Navarra, Gennady Gusev, Gil da Costa Marques, Iberê Luiz Caldas (em férias), José Carlos Sartorelli, Josif Frenkel, Luiz Carlos Chamon, Manoel Roberto Robilotta, Maria Cristina dos Santos, Maria Teresa Moura Lamy, Marília Junqueira Caldas, Marina Nielsen, Nelson Carlin Filho, Nestor Felipe Caticha Alfonso, Paulo Eduardo Artaxo Neto (licença-prêmio), Renata Zukanovich Funchal, Renato de Figueiredo Jardim, Ricardo Magnus Osório Galvão, Roberto Vicençotto Ribas, Rosangela Itri, Sylvio Accioli Canuto (licença-prêmio), Tânia Tomé M. de Castro e Victor de Oliveira Rivelles; **Chefes de Departamento**: Profs. Drs. Márcia C. de Abreu Fantini e sua suplente Rosangela Itri, Vera Bohomoletz Henriques e seu suplente Mário José de Oliveira, Gustavo Alberto Burdman e seu suplente João Carlos Alves Barata; **Presidentes de Comissão**: Profs. Drs. Oscar José Pinto Eboli e sua suplente Suhaila Maluf Shibli, Paulo Alberto Nussenzeig (férias) e seu suplente Luis Raul Weber Abramo; **Professores Associados**: Profs. Drs. Kaline Rabelo Coutinho e sua suplente Carla Goldman, Márcia de Almeida Rizzutto e seu suplente Nilberto Heder Medina, Daniel Reinaldo Cornejo, Antonio Domingues dos Santos, Helena Maria Petrilli e sua suplente Maria Cecília B. S. Salvadori, Airtton Deppman e seu suplente Arnaldo Gammal, Said R. Rabbani e seu suplente Álvaro Vannucci, José Roberto B. de Oliveira e seu suplente Rubens Lichtenthäler Filho, Fernando Tadeu Caldeira Brandt, Ruy Pepe da Silva, Paulo Teotônio Sobrinho, Frédérique M. B. F. Grassi, Valdir Guimarães e seu suplente Sérgio Luiz Morelhão, Lucy Vitória Credidio Assali, Diego Trancanelli e seu suplente Walter A. de Siqueira Pedra; **Professores Doutores**: Profs. Drs. Cristiano R. de Mattos e sua suplente Maria Cristina Leite, Rafael Sá de Freitas e seu suplente Caetano Rodrigues Miranda, Alexandre Lima Correia e seu suplente Zwinglio de Oliveira Filho, Luiz Carlos C. Miranda Nagamine (suplente), Carlos Eduardo Fiore dos Santos, Raphael Liguori Neto e seu suplente José Fernando Diniz Chubaci, Leandro Ramos Souza Barbosa, José Helder Facundo Severo e seu suplente Marcos V. Borges Teixeira Lima; **Representante Discente**: Sra. Bruna Costa Nascimento, Leonardo

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

Bitencourt Vetritti e Lucas Carvalhaes P.A. Maciel Mussnich e seu suplente Renato Ribeiro Domeneguetti; **Representante dos Servidores não docentes**: Sr. Antonio Sergio Joaquim e sua suplente Janice Batista da Silva, Francisco Antonio Brinco e seu suplente Hilton Vilaça Borges da Silva. A Assistente Acadêmica, Sra. Maria Madalena Salgado Bermudez Zeitum, secretariou a reunião. O **Sr. Diretor** iniciou a reunião extraordinária aberta à comunidade informando não ser uma reunião deliberativa, para discutir as reivindicações dos estudantes e a situação geral do IF. **ORDEM DO DIA ITEM I.01 - APRECIACÃO DAS REIVINDICAÇÕES DOS ALUNOS.** O **Sr. Diretor** informou que a **Sra. Mariana Cipolla** queria fazer um comentário de abertura e ela disse que o comando de greve havia escrito um texto que passou a ler: *"Caros presentes, o comando de greve de estudantes do Instituto de Física da Universidade de São Paulo, na manhã desta quarta-feira, inicia esta Congregação no intuito de trazer aos senhores e às senhoras o caráter de nossa mobilização. Historicamente os movimentos estudantis vinham centralizados através de grupos de vanguarda de unidades com cultura de mobilização tais quais os da ECA, FFLCH e FEUSP. Atualmente, o cenário é outro: vemos a emergência da participação de Institutos antes considerados coadjuvantes. A necessidade de assumir um protagonismo surge à medida que as pautas da greve vigente afetam diretamente cursos como os da saúde e outros como os que constituem o eixo Matão: IF, IGc, IB, FAU, e IME. Nesse contexto, os estudantes do IFUSP ditamos uma tendência, em certa medida, divergente do movimento geral. Aprimorando nossos instrumentos de deliberação e articulação interna, consolidamos nossa autenticidade e ganhamos reconhecimento perante a luta: pela horizontalidade entre calouros e veteranos, graduandos e pós-graduandos, bacharéis e licenciados; oriundos de diversas classes sociais e avessos a preconceito. Esperamos da plenária um olhar imparcial das pautas que iremos propor para esta Congregação aberta: Blocos K e L do CRUSP; Hospital Universitário; Sindicâncias e repressão ao movimento estudantil; Exposição e escracho de estudantes e professores em mídias e redes sociais; Cortes, reajustes e manutenção de bolsas; Cotas sociais e raciais. Além disso, de antemão, gostaríamos de uma elucidação por parte da diretoria sobre a diminuição do quadro de funcionários da limpeza, que é algo ainda nebuloso entre estudantes, funcionários e funcionárias do Instituto. Vemos a Congregação de amanhã como elemento chave em direção às pautas de nossa greve, pois essa representa o órgão máximo de deliberação no Instituto de Física. Perante as duas reuniões que ocorrem hoje e amanhã, esperamos que o Instituto se posicione a favor das nossas pautas no Conselho Universitário. Urgimos à Diretoria por uma participação fiel e coerente em relação à Congregação diante do CO. É importante ressaltar aos e às presentes as recentes conquistas alcançadas pelo atual movimento estudantil da Unicamp que, através da greve com piquetes e ocupações obteve: compromisso da gestão com a compra de um terreno para disponibilizar mais 600 vagas de moradia estudantil; ampliação de 10% de bolsas de auxílio social; comprometimento da Reitoria em não punir os estudantes que participaram da mobilização, tanto de forma administrativa quanto judicial com exceção a danos ao patrimônio público; portal de transparência e divulgação para as contas da Unicamp. A todo momento, durante nossa mobilização, o diálogo foi um ponto central, ora satisfatório ora inexistente. Nesta oportunidade, reiteramos a importância desse espaço e convidamos todos e todas a construir esse debate."* O **Sr. Diretor** solicitou que lhe fosse dado por escrito este texto para que ele pudesse não esquecer nenhum ponto das reivindicações. Informou que estavam discutindo à mesa quais são as reivindicações estudantis porque tinham vários documentos que não eram todos consistentes entre si e precisamos saber que pautas discutiremos hoje. A **Sra. Mariana Cipolla** esclareceu que as pautas que vamos discutir são as

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

que constam desse documento que acabara de ler e entregar. Disse que havia pensado em discuti-las uma por uma. O **Sr. Diretor** disse que o que temos que discutir é Blocos K e L do CRUSP; Hospital Universitário; Sindicâncias e repressão ao movimento estudantil; Exposição e escracho de estudantes e professores em mídias e redes sociais; Cortes, reajustes e manutenção de bolsas; cotas sociais e raciais. Há, também, a diminuição do quadro de funcionários da limpeza. Nesse momento houve a interferência de um aluno que sugeriu que o Sr. Diretor desse um esclarecimento sobre a questão dos funcionários da limpeza, começando por esse ponto. O **Sr. Diretor** então esclareceu que o nosso serviço de limpeza é baseado em frequência e área de limpeza. Há vários tipos de área: sala de professor é um tipo, salas de aula outro tipo, há preços diferentes, área de laboratório tem um preço diferente. Se há carpete, o preço muda. É uma combinação de frequência de limpeza com o tipo de área que tem que ser limpa. Disse que o contrato que está vigente até outubro foi assinado cinco anos atrás e pode ser renovado a cada ano e cinco vezes, no máximo. Significa que este ano teremos que fazer nova licitação para fazer outro contrato de limpeza. Durante esses cinco anos o contrato é reajustado por um índice que não se lembra qual é, se INPC ou esses índices de inflação ligados ao sindicato da limpeza. Houve, então, o reajuste ao longo desses cinco anos. No entanto, disse, existe uma tabela feita pelo governo dos preços desses contratos de serviços terceirizados. A expectativa é que essa nova licitação apresente um preço que é essencialmente duas vezes maior do que pagamos hoje. Esse contrato começará a vigir em novembro, portanto em novembro e dezembro já pagaremos o novo preço. Sabendo disso, tivemos que nos preparar para a nova situação e estudamos como estava organizado o serviço de limpeza e diminuimos a frequência de limpeza de vários locais. Por exemplo, as salas de professores são limpas todos os dias desnecessariamente porque basta uma vez por semana. Salas de aula e corredores serão limpos todos os dias. Houve redução nas salas de professores, laboratórios terão redução e com isso conseguimos um valor que, mesmo com o reajuste, pagaremos o mesmo que pagamos hoje. Isso é o que está acontecendo. Questionado por alguém da assistência sobre o fator dois do reajuste, respondeu que numa licitação devemos avaliar o preço esperado e isso é feito por tabelas que são produzidas pelos órgãos oficiais e é essa tabela que indica essa mudança. Outra vez questionado por alguém da assistência respondeu que estava apenas esclarecendo e que esperava acabar com essa discussão em minutos porque esse não é um assunto de deliberação da Congregação. Disse que a decisão é dele e que vai tomá-la. Não está em discussão a mudança da empresa de limpeza, apenas está explicando e que não pretende prejudicar os funcionários da limpeza e que o orçamento que temos é fixo e se dobrar o orçamento com a empresa de limpeza teremos que cortar outras coisas com as quais gastamos, como Monitores etc. O **Prof. Ivã Gurgel** perguntou sobre qual seria a ordem de grandeza do que estão falando e o **Sr. Diretor** informou que se trata de um milhão e meio por ano, preço que pagamos hoje. O **Prof. Ivã Gurgel** lembrou que há três anos houve um corte de cerca de trinta por cento, no começo da gestão do Prof. Zago na Reitoria e o **Sr. Diretor** disse que, felizmente, não foi na sua gestão e que não saberia responder. Disse que pode ser que tenha havido, mas que ainda há muita gordura para cortar. A Sra. **Dimy Sanches** fez uma ressalva em nome dos estudantes sobre essa questão porque acredita ser muito importante considerarem os pontos em que são prejudicados, mas os funcionários e funcionárias da limpeza também são membros da comunidade do IFUSP e disse terem preocupação com a qualidade de vida e trabalho dessas pessoas. Disse que estão fazendo uma analogia do comportamento do Diretor com o do Reitor: temos um problema de orçamento, vamos cortar, não vamos conversar a respeito, não vamos

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

perguntar às pessoas envolvidas antes de decretar que grande parte delas seja remanejada. Afirmou entenderem a necessidade do corte, uma questão de crise orçamentária etc., mas o problema é como as coisas são levadas, como são feitas. Dividir o regime de trabalho dessas funcionárias só por uma questão de achismo, sem perguntar a capacidade que elas têm de limpar, por exemplo, noventa banheiros. Informou que fizeram um abaixo assinado, com vários dados que coletaram, porque não tange apenas às salas de aula, dos professores etc., mas também à qualidade de vida dessas pessoas. O **Sr. Diretor** informou que os contratos terceirizados são feitos com uma empresa que contratamos para limpar uma determinada área com uma certa frequência que é estabelecida no contrato. Essa empresa se compromete a fazer essa limpeza, na frequência e área determinadas no contrato, e contrata o número necessário de pessoas para fazê-lo. Isso não é uma decisão do IF, bem como o que a empresa paga aos funcionários. A funcionária, quando assinar seu contrato de trabalho, estará ciente de quais são as condições de trabalho dela, que não são determinadas por ele. O **Sr. Diretor** leu o que está escrito no quadro negro, as reivindicações dos alunos, que foram numeradas pela Profa. Mazé que gostaria de priorizar a discussão de números 3 e 4, ou seja, sindicâncias e repressão ao movimento estudantil e exposição e escracho de estudantes e professores em mídias e redes sociais. Colocado em discussão, a **Profa. Suzana Salem** sugeriu que as pessoas que têm mais envolvimento ou mais informação ou mais interesse em discutir um item ou o outro, sendo uma pauta super extensa, uma discussão séria de cada um desses pontos envolve informações e dados que uns têm outros não, então sugeriu que se peça a palavra e se fale sobre o assunto que quiser, sob uma visão mais geral e, no fim, façamos uma síntese do que foi discutido aqui. O **Sr. Marcelo Paulino** disse que realmente querem discutir esses itens 3 e 4 mais extensivamente, mas a questão do bloco K e L e do Hospital Universitário não pretendiam discutir de forma intensa. Gostariam de apresentar algumas coisas nesta reunião e tentar aprovar um indicativo de moção para a Congregação de amanhã. O **Sr. Diretor** disse que são 9h35 e sugeriu que se marcasse horário para discutir os itens 1 e 2 até às 10 horas. A Sra. **Dimy Sanches** leu o seguinte documento: Devolução dos blocos K e L: Há cerca de 80 mil alunos na Universidade de São Paulo. A USP, atualmente, oferece 1600 vagas para moradia estudantil, o que corresponde a cerca de 2% do total de estudantes. Esse número está longe de ser suficiente para atender às demandas socioeconômicas da universidade. Em 2015, 19,6% dos ingressantes provinham de família com renda total entre 3 e 5 salários mínimos. Tal necessidade se deve a uma considerável fração dos e das estudantes ingressantes na USP não possuírem condições financeiras para se sustentar fora da universidade, principalmente numa cidade com o custo de vida tão alto como São Paulo, de modo que se encontram dependentes de moradia estudantil. Neste sentido, a falta de vagas é diretamente ligada à evasão dos cursos. Em entrevista, em 2009, o ex-reitor João Grandino Rodas afirmou: "É claro que a reitoria não vai sair de um dia pro outro de lá para cá, mas o gabinete do reitor e as coisas mais importantes vêm. E vamos liberar aqueles prédios, num momento em que pudermos acomodar as pessoas, para o CRUSP." Já se passaram sete anos e nada foi feito. Sete anos é mais do que o tempo de um dia para o outro, não? O reitor mudou, e, perante as necessidades mais que urgentes, nada foi resolvido: o novo reitor da USP ainda não devolveu os blocos K e L do CRUSP. E isto configura 400 vagas não disponibilizadas aos estudantes. Levando em conta o fato de que considerável parcela dos estudantes do IFUSP é de condição socioeconômica que requer auxílio para permanência, e também que a realidade uspiana reflete um mesmo cenário, o movimento estudantil do IFUSP clama pela imediata devolução dos blocos K e L ao CRUSP.

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

Diante disso, cobramos que a Congregação do Instituto se comprometa a levar ao Conselho Universitário esta pauta como reivindicação, se colocando firmemente favorável e adotando uma postura pró-ativa de cobrança frente a esta demanda. A **Profa. Carmen Prado** disse que é totalmente favorável a ideia de devolver esses blocos para os estudantes. No entanto, é imprescindível para que essa luta prospere que os estudantes anexem a essa reivindicação a necessidade de mudar a forma atual de gestão dessas vagas. Informou que tem uma sobrinha que faz letras e, atualmente, mora no CRUSP e acompanhou o que foi toda essa discussão. Disse existir uma história, da qual não sabe a extensão de veracidade, de que parte das vagas do CRUSP é administrada por alunos, uma cota social, que eles cuidam. No bloco no qual foi morar sua sobrinha, entre os seis apartamentos existentes no seu andar, havia uma pessoa que não era aluno da USP e sim da PUC, que morou lá durante anos, e acabou saindo na época em que ela entrou. Disse, ainda, que no andar de baixo mora um funcionário da Faculdade de Ciências Farmacêuticas e que há, também, gente de fora morando. A COSEAS diz que não pode fazer nada porque os alunos reivindicam uma parte de participação. Considera absolutamente legítimo que queiram transparência nesses critérios e que seja feita uma Comissão da qual os alunos participem ativamente na discussão desses critérios etc. Sugeriu que se fizesse um inventário das pessoas que moram lá, há quanto tempo moram, quem é aluno. Disse que a responsabilidade não é só dos alunos. Prosseguiu dizendo que ela mesma viveu aqui no IF situações com alunos que saíram da pós-graduação e um ano depois a Reitoria perguntou se o aluno ainda estava matriculado. A COSEAS alega que é preciso esperar dois anos, tempo para jubilação de um aluno, para tomar a iniciativa de colocar para fora um aluno que não tenha feito matrícula naquele semestre. Tudo isso deveria ser revisado sem que virasse uma neurose, que se o aluno repetisse uma matéria estaria fora do CRUSP, mas por outro lado, não tem cabimento o descontrole que existe. Considera que para ter apoio de docentes e de uma boa parte dos alunos, porque as pessoas não querem denunciar e quem está lá teme algum tipo de perseguição interna, teríamos que começar por uma rediscussão de critérios de admissão no CRUSP e de uma transparência total na forma como esses critérios estão sendo apontados. Disse que ela própria tem uma lista de absurdos para relatar. O **Sr. Zeca Carvalho** lembrou que a discussão da moradia, apesar de estarem listados explicitamente blocos K e L do CRUSP, não se refere apenas ao campus da capital. Disse que no movimento estudantil têm bastantes reivindicações de moradia na EACH, que é um curso historicamente esquecido da Universidade de São Paulo e sobre o que altos dirigentes já fizeram piadas. Disse haver lá problemas de todas as ordens como ambientais, ser um campus precarizado, e gostaria de lembrar que a EACH existe e precisa de moradia e que ela está sendo reivindicada por seus alunos. Além disso, falou sobre as cotas e afirmou não saber se é culpa da Superintendência de Assistência Social (SAS) ou dos estudantes a existência de problemas. Disse saberem que a SAS foi omissa diversas vezes para notificação e retirada do CRUSP de estudantes que agrediram e abusaram sexualmente de outras pessoas. Disse que no CRUSP vivem notórios abusadores e que houve uma ocupação da SAS reivindicando e, na justiça, foi garantida uma Comissão para julgar esses casos, mas até o momento a Reitoria e o Prof. Waldyr Jorge, Superintendente da SAS, nada fizeram apesar de se tratar de uma decisão judicial. Comentou que há estudantes querendo que alguns moradores indesejados saiam de lá. O **Sr. Diretor** perguntou qual tinha sido a decisão judicial e o **Sr. Zeca Carvalho** explicou que a SAS fora ocupada no começo do ano e houve uma ação judicial na qual o Juiz decidiu sobre a necessidade de uma Comissão paritária para analisar casos de agressão e assédio sexual no CRUSP e isso não foi encaminhado ainda e,

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

se não houver pressão, a Universidade também não encaminhará apesar da decisão judicial. O **Sr. Diretor** informou que o Prof. Waldyr Jorge estará aqui no IF, às dezesseis horas, para esclarecimentos. O **Sr. Zeca Carvalho** falou da importância do comparecimento de todos para cobrar o Prof. Waldyr Jorge. O **Sr. Diretor** disse que tinha uma dúvida acerca do número de vagas ser da ordem de dois por cento do número total de alunos e perguntou se alguém tinha ideia do que seria a fração boa. Houve uma fala inaudível. O **Prof. Ivã Gurgel** informou que em uma reunião com colegas da UNICAMP e da UNESP que conduziram lá alguns estudos, o número seria de quinze por cento. Mas não necessariamente a realidade deles é equivalente à nossa. Na UNESP esse número já é um pouco antigo e, como adotaram uma política inclusiva e havia mais alunos oriundos da escola pública, esse número aumentava muito e disse acreditar que esse número tende a aumentar quando se entra com políticas afirmativas. A **Sra. Mariana Cipolla** informou que haviam procurado dados sobre estudantes que precisavam de moradia e o que encontraram na internet era referente às vagas de 2014 e compararam com os dados da FUVEST nos quais os candidatos informam a renda da família, uma vez que para conseguir vaga no CRUSP, auxílio moradia, é preciso ter menos que três salários mínimos por membro da família. Prosseguiu dizendo que o que encontraram de dados da FUVEST sobre quem ingressa na USP com renda menor que três salários mínimos *per capita* foi 16,4% o que já é muito maior que 2% e está muito mais próximo da informação do Prof. Ivã. A **Profa. Mazé** fez uma pergunta inaudível e o **Sr. Diretor** respondeu que o parâmetro distância da moradia até a Universidade deve ser relevante também. A **Profa. Mazé** disse que devemos discutir essa questão como a nossa questão real porque, já que gostamos de imitar os americanos, para efeito acadêmico o ideal seria que grande parte dos alunos da graduação morasse aqui, principalmente numa cidade horrorosa como esta no sentido de transporte etc. Disse considerar muito ruim e devemos ter consciência de que estamos nivelando por baixo. Do ponto de vista acadêmico, o ideal é que os alunos estivessem aqui, estivessem perto, tivessem condições de estudar, mas dada a condição econômica do país devemos fixar esse mínimo como sendo algo de inclusão. Lembrou que em Universidades do primeiro mundo não é assim, que os alunos têm moradia próxima ao campus. O **Sr. Diretor** alertou que têm porque pagam por ela. A **Profa. Mazé** disse que é um pagamento simbólico e o **Sr. Diretor** retrucou que não, não é simbólico. O **Sr. Rafael Marques**, respondendo ao questionamento sobre distância, informou que para se inscrever na seleção de vagas para o CRUSP o pretendente não pode morar na capital. Ganha-se mais pontuação com o aumento da distância entre a moradia e a capital. Em princípio, não pode se inscrever quem mora na capital ou na região metropolitana, mas não é um processo tão rígido, nesse sentido, porque há pessoas que, por causa de outras justificativas, conseguem o aval da Superintendência de Assistência Social para morar no CRUSP mesmo estando nos arredores de São Paulo. A **Profa. Cecil Robilotta** pediu uma questão de ordem dizendo que terão uma reunião, amanhã, com o Superintendente da SAS e que esses dados devem ser levados para discussão e que, agora, temos só cinco minutos então devemos aprovar a moção existente, a Congregação tem que levar alguma posição sobre a moradia dos alunos e temos que passar ao item do Hospital Universitário. O **Sr. Diretor** resumiu dizendo que todos somos favoráveis a que haja aqui moradia estudantil e que isso seja muito maior do que 2%. O **Sr. Zeca Carvalho** encaminhou dizendo que não há necessidade de uma moção, mas o que reivindicam é que a Congregação do IF se comprometa a levar ao Conselho Universitário esta pauta como reivindicação, colocando-se firmemente favorável e adotando uma postura pró-ativa de cobrança frente a essa demanda. Sugeriu que isso fosse levado à Congregação que

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

acontecerá amanhã e que aprove levar a pauta ao Conselho Universitário. Disse que poderiam colocar a ressalva da necessidade de mais transparência no processo de distribuição e gestão das moradias. Disse que podem elaborar formalmente essa proposta para apresentar amanhã na Congregação deliberativa. O **Sr. Diretor** disse que seu entendimento era de que os blocos K e L levariam de 2 para 2,5% e não é exatamente a solução do problema. O **Sr. Luis Fernando Rodrigues** leu o seguinte texto: *“O Hospital Universitário da Universidade de São Paulo tem como missão desenvolver ensino e pesquisa na área de saúde e é referência de atendimento para uma população de 600 mil moradores em seu entorno, englobando 92 (noventa e duas) comunidades carentes/assentamentos, numa região que ampliou em muito seu tamanho desde a criação do Hospital. Desde o início de sua gestão, a atual Reitoria da USP deixou claro seu total descompromisso com o Hospital Universitário. Isso se tornou claro e evidente quando em 26/08/2014 tentou submeter à votação do Conselho Universitário a proposta de desvinculação do HU, sem que esta medida fosse minimamente embasada em pareceres técnicos e sem a discussão com os diversos grupos e setores que seriam afetados pela mesma. A gestão M.A.Zago-V.Agopyan criou uma comissão para analisar o caso de desvinculação do HU por meio da portaria GR965 de 11/09/2014. A comissão apresentou seu relatório em 07/07/2015. Sua conclusão foi que “o HU permaneça vinculado à USP” e que sejam garantidas as condições necessárias ao funcionamento do HU, “compatíveis com a qualidade da assistência, a segurança de pacientes e trabalhadores e a excelência do ensino”. Contudo, sem conseguir consolidar seu projeto, a Reitoria passou a desmontar o HU, que a cada dia se aproxima de seu fim, seja fechando suas portas definitivamente, seja atingindo um nível de precariedade em que a única “solução” seja alguma outra instituição (pública ou privada) tornar-se responsável pelo mesmo. A situação da universidade e do Hospital piorou no ano passado, quando a reitoria iniciou o PIDV (Programa de Incentivo à Demissão Voluntária). Com o quadro de funcionários reduzido, muitos médicos decidiram sair por falta de condições de trabalho. Há um déficit de 213 trabalhadores no hospital como um todo. A falta de médicos está gerando uma condição de trabalho insustentável para aqueles que ficaram e tentam manter o atendimento à população. O desmonte do HU é bastante claro aos que precisam dele. A pediatria passou a funcionar em horário parcial, atendendo das 7h às 19h. Leitos e 40% da UTI estão desativados, além da falta de materiais básicos para o atendimento devido ao corte de 30% de seus recursos. O pronto-socorro tem funcionado em seu limite e o próximo passo é o fechamento de parte de seu atendimento. O corpo clínico do HU paralisou parte das atividades desde o dia 30 de maio em protesto por mais contratações e contra o projeto da reitoria de desmantelamento da unidade, o que inclui a desvinculação do HU da USP. Dado os elementos expostos, os estudantes do IFUSP se posicionam veementemente contra o desmonte e desvinculação do Hospital Universitário. Desta forma, exigem da Congregação do Instituto de Física que adote posicionamento a favor da imediata contratação de pessoal para o Hospital Universitário tanto quanto contra a desvinculação do HU da USP, para tanto, 1. emitindo uma moção em que coloque sua opinião de modo a que se reestabilizar o pleno funcionamento do Hospital Universitário; 2. leve adiante tal posicionamento para o Conselho Universitário.”* A **Profa. Lighia Matsuhigue** concordando com tudo que está escrito na moção dos estudantes, informou ter uns dados a mais que são importantes aqui. Lembrou que esse hospital é uma unidade de ensino e pesquisa extremamente importante e valorizada pelo pessoal da área de saúde que o usa como sistema de complementação de estudos e pós-graduação. O PIDV foi algo muito mal pensado quanto às suas consequências e no Hospital Universitário foi uma tragédia. O

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

problema principal é que junto com o Plano de Demissão Voluntária existe uma cláusula que as mesmas pessoas ou pessoas para os mesmos cargos não sejam contratadas por um prazo X. Alguém sabe qual é esse prazo, indagou. É verdade que, em função das más condições de trabalho, muitos médicos que num primeiro momento não aderiram ao PIDV, resolveram sair e isso é parte importante do que se vive atualmente. Não há mais atendimento em Ortopedia, em Oftalmologia e outras várias especialidades. Complementando, disse, a situação é muito grave porque esse hospital é algo que se construiu com o esforço de muita gente. O começo dele foi a partir da mobilização da população do Butantã, em 1980. Disse que isto vale, realmente, até mesmo uma moção mais completa que a descrita aqui pelos estudantes, incluindo aspectos que estava mencionando. O **Prof. Luiz Carlos Chamon** começou dizendo que todos aqui ou são Físicos ou pretendem ser, ou pelo menos a grande maioria dos que estão aqui, e sabem que existem leis de conservação na natureza, como lei de conservação de energia. Energia não se cria, se troca. Isso se aplica, também, aos recursos que temos para viver. O país produz algumas coisas e a população vive daquilo que é produzido. Disse ver a sociedade, de uma maneira geral, e aqui parece reproduzir-se isso, porque se pede muita coisa e não se diz de onde vão sair os recursos. Se esquecem que esses tem que ser produzidos. Quem vai pagar. Disse que, como todos aqui, também é favorável que 15% dos estudantes tenham moradia, mas indagou quem vai pagar, quem vai construir os prédios, quem vai pagar pela manutenção disso. As pessoas colocam as coisas, mas não dizem de onde vão sair os recursos. Prosseguiu dizendo que todos sabem que a Universidade vive uma crise enorme de recursos e queremos criar mais gastos, sem dizer qual será a fonte, que parte da sociedade vai pagar isso, perguntou. Disse que gostaria que todos pensassem um pouco, que gostaria que na sua visão o mundo fosse maravilhoso, ninguém precisasse trabalhar, todos tivessem comida na mesa, todos tivessem moradia, mas quem proverá tudo isso, perguntou. Quando se coloca algo como dar 15% de moradia para os estudantes, temos que saber quem fará isso, quem pagará, perguntou se vamos criar novos impostos. Sugeriu que todos pensassem um pouco a respeito disso. O **Sr. Diretor** complementou dizendo que havia visto números na Reitoria de que a Escola Politécnica é a maior unidade da USP, a mais cara, e consome 5,6% do que a USP recebe do governo do Estado. O HU e o HRAC juntos consomem 11,2%. A **Profa. Teresa Lamy** disse ser bem sensível à questão do HU, mas tem desconhecimento em relação a isso. Considera difícil posicionar-se amanhã na reunião da Congregação com o desconhecimento que tem e que acredita que tenha a maioria dos seus colegas. Exemplificou dizendo que em relação à creche e à Escola de Educação esteve num debate aqui e ouviu sobre quanto é que a Universidade coloca, qual é o gasto que tem, qual é o lucro. Soube-se que a Universidade não gasta muito na creche, gasta mais agora, depois do PIDV. Ouviu que a Faculdade de Educação quer acabar com a Escola de Aplicação, acabar de maneira trágica porque falta até professor de Química. Vergonhoso para a Universidade de São Paulo. O que diz a Reitoria sobre isso, perguntou. Com relação ao Hospital Universitário, pergunta se há gasto da Universidade com formação e assistência uma vez que o Hospital assiste toda a comunidade do entorno da USP, uma comunidade enorme. Questionou se a Universidade de São Paulo tem condições de bancar isso. Se o que ela recebe do governo Federal e do governo do Estado para o HU é suficiente ou se tem que brigar para receber mais. Considera que essas são questões muito amplas, muito sérias e muito importantes e temos que pensar nisso com mais informações. Perguntou se alguém pode esclarecer para que ela se posicione melhor para a Congregação de amanhã. O **Sr. Diretor** esclareceu que estava junto com o Diretor do IQ quando a Profa.

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

Belmira, Diretora de Faculdade de Educação, veio conversar sobre a questão do professor de Química, que a preocupava demais. Ocorre que não é possível que alguém do IQ vá para a Escola de Aplicação dar aulas, por mais titulado que seja, porque em algum momento do passado houve uma mudança sobre os parâmetros de contrato dos funcionários e os professores têm que ser Educadores. Nenhum de nós, Professores aqui do IF, podemos dar aulas lá porque é preciso ser Educador e a formação e o tipo de diploma que a pessoa tem é diferente daquele que é exigido na Universidade. Disse que estavam tentando convencer a Secretaria de Educação a colocar um professor lá, mas que não sabe se isso foi bem sucedido ou não. Criou-se uma armadilha legal que impede que os Professores da Universidade ministrem aulas na Escola de Aplicação. A **Sra. Catarina Aydar** esclareceu sobre o HU dizendo que fizeram uma pesquisa e, embora não tenham acesso direto aos dados, encontraram uma matéria da Folha de São Paulo, uma de três que o jornal produziu, consultando principalmente o Conselho Gestor de Saúde do Butantã. Disse que foi apontado o atendimento de seiscentas mil pessoas e 2,4 mil estudantes dependem dos serviços do HU para completar estágio, sua formação na área da saúde; apenas não sabe informar se isso é anual. Além disso, é o único hospital público da região e o regime de congelamento de contratações está previsto de 2014 até 2018. Citou a existência de um problema de financiamento, de priorizar de onde sairá a verba de reestruturar tudo isso. Informou que hoje está acontecendo um ato na USP Leste para aumentar o repasse para as Universidades Estaduais, há toda uma movimentação para vir mais verba, mas, além disso, os estudantes estão propondo que seja remanejado o modo como essa distribuição de financiamento se dá. Colocou-se à disposição para mais esclarecimentos a quem desejar porque dispõem de um trabalho bem detalhado sobre o assunto e há muita informação, também, no *site* da ADUSP. O **Sr. Rafael Marques** referiu-se ao conteúdo do *site* da ADUSP com relação à luta dos clínicos que estão em greve. Informou que enviaram, juntamente com outras entidades, uma carta ao Governador tentando alguma forma de negociação, no dia dez deste mês, e até agora nada aconteceu. Disse que, salvo engano, sete ou oito por cento do orçamento do HU é relacionado ao SUS e o restante é todo da Universidade, ela contribui com isso, e uma das tentativas deles é que o SUS aumente sua contribuição. Informou, ainda, que a parcela do orçamento do HU destinada à folha de pagamento é por volta de setenta e cinco por cento e que, neste momento, estão mobilizados em apoio ao pessoal do HU que tem uma situação bem ruim de trabalho. O **Prof. Ivã Gurgel** informou ter dúvidas relativas ao dado de 11,2% informado pelo Sr. Diretor porque disse já ter visto várias vezes números sobre o HU e nunca tinha visto um número tão alto e, nessa linha, considera importante a indicação da Profa. Teresa e sugere que poderíamos priorizar debates, no início do próximo semestre, convidando pessoas que tragam esses dados, assuntos que estão em pauta, independentemente que querermos ou não, e que esclarecem muito. Lembrou que há dois anos o Prof. Fazzio convidou pessoas do HU que estiveram aqui numa plenária bastante esclarecedora, mas para tocar na questão dos recursos disse que atualmente há um Promotor de Justiça, da área de Direitos Humanos, que está encaminhando uma negociação via Governo do Estado para garantia de recursos para o HU. O SIMESP, a ADUSP, uma série de entidades estão participando dessas discussões justamente para saber de onde sai o dinheiro. A maior dificuldade dessas reuniões é sempre o apoio da própria Reitoria. O discurso de não ter verba começa a ficar meio estranho porque um Promotor convida para uma reunião e quer saber quais as necessidades, quais as demandas e se querem mesmo ficar com o HU e a própria Reitoria não faz um esforço grande de mostrar a importância daquela unidade, a indicação parece ser a de que ela não quer a unidade. Há uma

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

questão da gestão, não só a questão dos recursos. É uma visão da Universidade que está se colocando. O **Prof. Vito Vanin** disse que uma parte do dinheiro para financiar o HU e outras atividades deveria vir da redução da nuvem de computadores da USP para o tamanho real e parar de manter uma nuvem que não serve para nada. Acredita que para a questão do financiamento há duas coisas a se cobrar da Reitoria: uma delas é que fizesse uma relação das sindicâncias que foram prometidas a respeito dos gastos da gestão do Prof. Rodas e que resultado elas tiveram; a outra é que gostaria de ver a lista de funcionários da Reitoria que se aposentaram pelo PIDV e foram, posteriormente, recontratados pelo Reitor. Não há nada de ilegal nisso, nada de irregular porque o Reitor pode ter contratado gente que pediu demissão. Mas, gostaria que a lista fosse apresentada e que fosse cobrado formalmente, que fosse feito esse pedido ao Reitor. Com relação a financiamento, disse que o Estado pode perfeitamente pagar a USP como intermediário para o HU atender a população. Considera o atendimento essencial para que nossos estudantes de Medicina tenham oportunidade de treinar o atendimento à população real. Disse esperar que nossos estudantes sejam preparados para a população e não para uma elite, portanto devemos mesmo insistir na manutenção do HU. O **Sr. Thandryus** considera que a questão não é tanto de recursos, mas também de financiamento. Disse que desde 1995 a USP recebe os mesmos 9,57% do ICMS e ela ampliou em 88% os cursos, construiu quatro campi novos. Sugeriu seja cobrada do Estado a revisão desse valor do ICMS que é o mesmo há vinte anos e disse saber que há problema com o repasse que não é feito inteiramente, citou a queda da arrecadação, mas disse que mesmo assim vinte anos com o mesmo valor tendo a USP crescido muito, pensa que deva ser discutido também. Sobre o desvinculamento do HU, disse que já acontece há mais tempo tanto que houve uma greve em 2014 para manter o HU e nesse ano a crise, ou suposta crise, não estava no nível que está hoje. Acredita que seja uma questão política do papel da Universidade e o que é a Universidade é o que está em jogo agora. O **Sr. Marcelo Paulino** disse que todos sabem que a Universidade passa por uma crise, mas que temos onde cortar e temos que ter muito claro que deve haver transparência e responsabilidade nesses cortes. Quando se começa cortando em creches ou na área da saúde significa, para ele, que os direitos básicos da população são supérfluos ou que não é responsabilidade da USP cuidar disso. Disse discordar. A população pobre é a que menos tem acesso à Universidade e, proporcionalmente, é também a população que paga mais caro pela Universidade porque é uma Universidade sustentada pelo ICMS e a população que destina maior parte de sua renda para bens de consumo é a população que tem menos dinheiro. Considera importante que nos atentemos para isso porque quando se fala em crise econômica temos que ter responsabilidade nos cortes. Se não transparece a forma como ele está fazendo esses cortes é porque está tentando encobrir um projeto de desmonte da Universidade. Disse não ver nisso a teoria da conspiração, que para ele isso está acontecendo muito claro. A **Profa. Carmen Prado** fez uma proposta, já focada na Congregação de amanhã porque não estará presente. Informou ter estado em debates com o pessoal do HU e de tudo que ouviu só tem uma coisa clara: há um desequilíbrio no orçamento do HU. Cresceu a população atendida sem que tivesse sido pensado, com o devido cuidado, o seu financiamento. Essa questão toda tem que ser reequacionada. Entende que há esse reconhecimento e que a Congregação deveria se manifestar no sentido de que isso fosse levado ao Conselho Universitário e que fossem tomadas providências no sentido de que a Reitoria retomasse uma discussão mais ampla sobre a questão do financiamento do HU, com a manifestação de que o estado atual das coisas, do nosso ponto de vista, é muito ruim, é inaceitável. Portanto, alguma outra solução tem que ser

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

buscada. A **Profa. Nora Maidana** disse que o HU teve uma previsão, há tempos, e não é só que a população aumentou. Se há quarenta leitos fechados é porque nesse momento não está financiando e não porque a atenção à população aumentou. O **Sr. Diretor** disse que ontem esse assunto foi parcialmente discutido na reunião de Dirigentes e o Prof. Paulo Saldiva, que já trabalhou no HU, comentou que em geral isso é uma generalidade, até internacional, nos hospitais universitários: o U é responsabilidade da Universidade e o H é responsabilidade do Governo e, no caso, deveria ser da Secretaria de Saúde do Governo do Estado. Então, não dá para uma Universidade arcar com despesas de atendimento à saúde da população, que é o caso do HU. Essa discussão, então, tem que ser feita. A **Profa. Elisabeth Andreoli** comentou que a Direção da Escola de Aplicação está tentando resolver uma crise de uma maneira legal, tentando trazer técnicos, foi isso que aconteceu, do Instituto de Química para atuar como professores. Isso é ilegal e vai dar um problema mais para frente e ela foi relutante em aceitar essa solução. O que se viu, quando temos números, é que a creche custa 00,3% do orçamento da USP e ela fechada custa a mesma coisa porque se os funcionários forem demitidos, o passivo trabalhista a USP não tem condições de pagar. Nem o passivo trabalhista da creche, nem o passivo trabalhista do HU. Desvincular o HU não significa diminuir a despesa porque a folha de pagamento continua na USP e o HU não é só um atendimento à população, ele é um campo de trabalho de formação. Lembrou que quando tivemos aqui o debate com o médico do HU, ele nos disse que quando o HU foi instalado o acordo era que uma porcentagem do financiamento vinha do Tesouro do Estado e que quando começou essa crise o próprio Reitor constituiu uma comissão de trabalho da qual faziam parte alguns médicos, o Diretor da Escola de Medicina, da Escola de Enfermagem, pessoas implicadas no funcionamento do HU. Disse que o relatório feito por essa comissão nunca foi apresentado ao HU e nem ao Conselho Universitário. Esse relatório apontava para a necessidade de repactuação do financiamento do Tesouro porque o HU passou a atender uma população imensa, passou a ser um hospital de referência para Campo Limpo, Osasco e uma região imensa onde não existem hospitais, precisaria ser repactuado como apontava o relatório que nunca foi levado ao Conselho Universitário. Foi arquivado pelo próprio Reitor e ele foi produzido por uma comissão que ele próprio indicou. Prosseguiu dizendo que para começar a discussão esse relatório deveria ser levado ao Conselho Universitário e ver quais foram as recomendações. Desvincular o HU não vai resolver o problema da folha de pagamento porque os funcionários continuam na folha de pagamento da USP. Essa diminuição na porcentagem do orçamento que é o gasto com o HU não vai se efetivar. Além disso, o HU já perdeu vários funcionários. Perdeu funcionários de atendimento, perdeu médicos e, atualmente, nem a pediatria nem o serviço de pronto socorro adulto, funcionam no período noturno. Mesmo depois do PIDV, vários médicos por insatisfação no atendimento, na maneira como está sendo feita a gestão, acabaram se demitindo. Parece que o número de médicos que se demitiu, após o PIDV, sem indenização, sem aqueles prêmios todos, é maior que o número de médicos que saiu no PIDV. Disse que a escala não fecha mais, o atendimento não fecha mais. Então, disse, o que talvez se queira construir é um monte de pessoas insatisfeitas que vão se demitir e ele acaba fechando por alta de funcionários. Assim está acontecendo na creche que desde 2015/2016 não ingressam mais crianças, há muitos funcionários. O argumento, então, é que há muitos funcionários e não há crianças. São três crianças para um funcionário, o que é um absurdo. Nós concordamos, mas é porque não entram crianças. Entrar crianças não vai diminuir o custo ainda mais que a USP tem pagado um auxílio creche para funcionários e professores e, quando se contabiliza esse dinheiro,

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

verifica-se que o que está sendo pago de auxílio creche poderia estar sendo investido na creche e beneficiando, inclusive, alunos/alunas que não recebem o auxílio creche e são afetados pelo fato de terem filhos e não terem atendimento. Respondendo a pergunta do Prof. Chamon sobre de onde sai o dinheiro para construir moradia disse que se olharmos em frente à ECA veremos que há um prédio sendo construído, maravilhoso. Então, o que podemos discutir, principalmente quando se está em crise, é como se faz com o pouco dinheiro que temos, quais são as prioridades. Reformar os blocos K e L para moradia será mais caro do que terminar a construção daquele prédio que está em construção, das relações internacionais, indagou. A USP continua mantendo, por exemplo, convênios internacionais como o acordo COFECUB entre a USP e Universidades Francesas, programa no qual a USP coloca dinheiro. Por isso diz que quando falta dinheiro temos que nos perguntar quais são as prioridades, onde temos que cortar e disse que na sua casa quando falta dinheiro corta-se o vinho, mas não o leite das crianças. Isso é o que deve ser visto. Qual é a prioridade de gastos de formulação no orçamento, questionou. Ontem, na discussão do que vai ser conversado com o Prof. Waldyr Jorge, parece haver uma previsão no orçamento da USP de três milhões para reformas de moradia. Pergunta se ela está acontecendo e disse não saber e voltou a dizer que deve haver uma definição de prioridades no orçamento. Considera que devemos reivindicar que os nossos Dirigentes sejam realmente atuantes no sentido de olhar os orçamentos e discutir prioridades. Quando há dinheiro sobrando, há dinheiro para tudo; quando não há dinheiro, temos que pensar onde colocar. O **Prof. Valmir Chitta** disse que apenas complementaria o que disse a Profa. Elisabeth Andreoli. Concordou com o Prof. Chamon dizendo que todos conhecemos as leis de conservação, mas para saber como elas funcionam temos que conhecer as partículas e as interações e isso nós não conhecemos. O orçamento da USP não é transparente, disse. Se fosse, não estaríamos na condição em que estamos hoje e o que aconteceu na administração passada, provavelmente não aconteceria. Se nós soubéssemos como o dinheiro é utilizado, seria uma questão de priorização como disse a Profa. Elisabeth Andreoli. O próprio Professor Marcos Martins disse que os dois hospitais consomem onze por cento do orçamento da USP. A unidade que mais consome é a POLI. Quantas pessoas a unidade atende, perguntou. A maior unidade da Universidade de São Paulo em termos de alunos é a FFLCH e ela não consome o mesmo. Disse entender que o que é necessário para a FFLCH funcionar é diferente da Engenharia, onde a tecnologia custa bem mais caro. Disse não saber quanto é o orçamento do Hospital Universitário, mas onze por cento do orçamento da Universidade para atender a população que nós atendemos não é nada. Concordou com o Prof. Saldiva e disse que deveríamos ser responsáveis pelo U e o Estado pelo H, portanto temos que cobrar isso do Estado. Questionou que o hospital de Ribeirão Preto não entrou na lista e o **Sr. Diretor** informou que esse já era do Estado, como o HC. O **Prof. Chitta** perguntou por que o Estado não pode, então, encampar o HU e o **Sr. Diretor** informou que essa era a proposta do Prof. Zago que queria que o HU e o HRAC funcionassem nos mesmos moldes que funciona o HC de São Paulo e o de Ribeirão Preto. Essa era a proposta que foi apresentada na Reitoria. A **Profa. Elisabeth Andreoli** informou que a USP teria que demitir todos os funcionários conforme nos informou o médico que esteve aqui. Se a USP desvinculasse o HU, os funcionários continuariam na sua folha de pagamento. O **Prof. Chitta** disse que da mesma forma, a Escola de Engenharia de Lorena quando foi encampada, encampou-se o campus, os prédios e os alunos. Sem funcionários e sem professores e até agora não há um corpo de Professores Titulares e o Diretor sai daqui. O **Sr. Lucas Mussnich** disse que sua fala seria só para complementar e que veio num momento oportuno. Informou que segundo o representante

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

dos funcionários que veio aqui falar sobre a situação do HU, o HC é uma autarquia especial, que a ideia toda é colocar uma flexibilidade, um modelo de gestão que vai muito de acordo com o discurso do atual Reitor. Ainda segundo esse funcionário, o HC tem o pior plano de carreira do Estado de São Paulo. Disse ser uma questão de priorização, a USP não pode arcar com os custos de um hospital, mas é também o modo como o Estado se coloca perante a questão da saúde. Se o HU funciona super bem e no momento em que transformam o HC em autarquia ele tem o pior plano de carreira, como o Estado está lidando com isso. Às vezes, não é uma má ideia fazer com que o Estado priorize e mantenha o HC. A USP como intermediária fazendo o HU funcionar e tendo a qualidade que tem, porque tem uma qualidade muito boa, e só está perdendo a qualidade porque está diminuindo o pessoal e não tem como atender e atendemos uma demanda muito grande da população da zona oeste. Voltou a dizer que o HC tem o pior plano de carreira do Estado de São Paulo. O **Sr. Diretor** manifestou-se dizendo que terminamos a discussão dos itens 1 e 2. O **Sr. Adolfo Forti** disse ter uma nota do comando de greve que tem a intenção de expressar a opinião do comando e introduzir a discussão. Passou à leitura: *“O Comando de Greve de estudantes do IFUSP se coloca veemente contra qualquer punição de estudantes envolvidos e envolvidas na mobilização estudantil. Por punições entendemos tanto a abertura de sindicâncias quanto a falta de disposição para dialogar por alternativas a estudantes que optaram por aderir à greve de forma a prejudicá-los. No caso das sindicâncias, repudiamos a escolha desse modo de resolver o conflito e a falta de responsabilidade de alguns docentes ao abri-las, pois vários dos nomes citados conferem a pessoas não envolvidas na greve. Além disso, os motivos citados não são passíveis de justificar a sua abertura, pois não foi infringida nenhuma cláusula do regimento disciplinar. Já no caso da falta de abertura para diálogo de alguns docentes com estudantes, houveram casos em que a possibilidade de fazer a prova foi restringida a uma pequena parte da turma, zerando os que não compareceram, inclusive estudantes não envolvidos com a greve. Também aconteceu de estudantes se sentirem coagidos a fazer provas que foram aplicadas em situações absurdas. Além disso, muitos e muitas estão receosos de cursar no próximo semestre matérias que serão ministradas por esses professores por medo de retaliação. Nesse momento, apesar de algumas notas já terem sido colocadas no sistema Júpiter Web, estamos dialogando com docentes e encaminhando os problemas às instâncias competentes. Para nós é inadmissível que essas punições aconteçam e, caso seja necessário trazer essa pauta a uma Congregação futura, esperamos contar com a compreensão dos membros acerca do absurdo dessa situação.”* O **Sr. Diretor** esclareceu sobre os nomes estarem errados dizendo que é por isso que se abre uma sindicância que é para apurar os fatos. Se aquelas pessoas não estão envolvidas serão retiradas do processo. A sindicância não envolve uma condenação a priori. É a abertura de uma investigação para ver o que aconteceu. A **Sra. Renata Biazzi** leu um texto dos estudantes acerca dos vídeos que foram divulgados expondo membros do IFUSP: *“Recentemente, um vídeo editado envolvendo um docente e alguns estudantes do IFUSP foi divulgado em mídias e redes sociais, sem autorização dos e das envolvidos. O vídeo foi gravado por estudantes do comando de greve para nossa própria proteção, conforme orientado por advogados. Ele foi vazado por terceiros e agora atingiu mais de um milhão de visualizações. Isso foi uma enorme exposição dos envolvidos e gerou uma série de ameaças aos estudantes, inclusive devido ao descuido de docentes e discentes que divulgaram abertamente alguns dados dos estudantes que aparecem nos vídeos e alguns já receberam ameaça de morte por telefone. Visto isso, fizemos uma proposta de uma nota de repúdio que desejamos seja discutida agora e amanhã na Congregação fechada porque*

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

entendemos que no assunto cabe um posicionamento da nossa Congregação visto que tomou medidas gigantescas e diz respeito à integridade e à saúde dos membros deste Instituto.” A seguir leu a **PROPOSTA DE NOTA DE REPÚDIO À EXPOSIÇÃO DE MEMBROS DA COMUNIDADE DO IFUSP**: “ Devido a recente divulgação em páginas da internet, de filmagens envolvendo docentes e discentes do Instituto de Física da Universidade de São Paulo, à grande repercussão desses vídeos editados e às manifestações de ódio deles decorrentes, a Congregação desse Instituto, reunida no dia 30 de junho de 2016, considera necessária a sua manifestação. Trata-se de acontecimentos muito graves, tendo em vista as inúmeras ameaças físicas e os abusos psicológicos que os alunos têm recebido nos comentários desses vídeos. Infelizmente, tais atitudes desrespeitosas têm sido recorrentes também internamente no Instituto. Acreditamos que o debate de ideias e métodos é essencial, mas deve ser sempre pautado por respeito mútuo entre os envolvidos e nunca baseado em ataques pessoais e incitação à violência. Feitas essas considerações, a Congregação repudia qualquer exposição de membros deste Instituto e conta com o cuidado de todas e todos para que esse tipo de situação não se agrave nem se repita.” A **Profa. Suzana Salém** expôs seu pensamento sobre processos de sindicância no caso do momento no IF. Pensa que os estudantes estão realizando um movimento estudantil em defesa de causas em que acreditam. São jovens defendendo a Universidade, lutando contra o desmonte da Universidade, até mesmo a pauta desta reunião foi respeitosamente discutida. São essas coisas que os estudantes colocaram em discussão que proporcionaram a existência desta Congregação aberta. Houve várias reuniões de um conjunto grande de docentes que trataram também desses assuntos, houve a discussão sobre o HU, sobre a creche e, a seu ver, o movimento estudantil instalado aqui trouxe coisas boas para a nossa convivência e para a Universidade. Considera um absurdo criminalizar esse movimento; nenhum estudante cometeu crime e no momento em que se abre processo de sindicância ou processo administrativo o desenrolar disso escapa de nossas mãos e pode haver expulsão. São jovens começando sua vida universitária e há alguns dos seus melhores alunos envolvidos nesse movimento. Disse não conseguir entender como crime ou como tentativa de elucidação se houve ou não crime. Qual foi o fato, indagou. Invadiram sala de seminário, perguntou. Argumentou que eles estavam tentando evitar que uma deliberação de assembleia de um coletivo fosse suplantada por decisões individuais, sejam quais forem. Um coletivo que se pôs a discutir de forma democrática, todos tiveram acesso a essa discussão, foi tomada uma decisão, eles cumprem a decisão de assembleia, disse já ter visto gente que não concorda com a decisão, mas está cumprindo. Isso vale menos que uma ação individual de alguém que não concorda com aquilo e resolve dar aula por internet, dar aula escondido, punir estudante, questionou. Considera que isso é uma inversão do que é ação democrática e, fora isso, abrindo processos de sindicância ou processos administrativos estamos instalando no IF um futuro onde nossa rede social vai ficar completamente esgarçada; qualquer coisa fica passível de judicialização. Comentou que há um professor que dá aula antes dela, na mesma sala, e que a faz esperar ao menos dez minutos para entrar e iniciar sua aula, então vai abrir sindicância porque ele não permite que ela cumpra seu horário de aula; se ela errar na conta, o aluno vai alegar que está ensinando coisa errada para ele. Coisas que devem ser discutidas, tratadas e resolvidas no âmbito do IF, terceirizamos e judicializamos tudo. Em função do que expôs, propôs um pacto futuro de convivência em que as pessoas que entraram com processos de sindicância, seja por parte dos estudantes, seja por parte dos professores, retirem esses pedidos de sindicância e instalemos aqui uma vida mais saudável, com diálogo e ouvindo aos outros porque há aqui

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

muita surdez instalada. O **Prof. Gustavo Burdman** lamentou ter que discordar da Profa. Susana e disse que primeiramente é ótimo ter um diálogo, mas que isso aqui não é um diálogo como o que ele entende que é um diálogo. A partir do começo das ações do comando de greve, o bloqueio, o piquete impedindo a entrada em sala de aula, começou, também, uma série de atos de violência contra alunos e professores que tentaram ter aulas em outros locais. Invasão de salas onde aconteciam aulas ou reuniões, perseguição a professores em outros Institutos, constrangimento de alunos para impedir que entrassem em sala para aulas ou provas. Tudo isso está documentado, nada foi vazado e, baseado nisso, ele como Chefe do Departamento de Física Matemática e outras pessoas, têm aberto processos disciplinares e, agora, sindicâncias. Esses comportamentos violentos e autoritários, a seu ver, não conduzem ao diálogo. Para começar um diálogo verdadeiro temos que começar renunciando a esses atos de violência. Para começar um diálogo onde possamos sentir que nossa opinião seja levada em conta, ou seja, que depois de um tempo de conversas, não venham dizer que passadas tantas semanas sem haver acordo, voltarão a invadir as salas e bloqueá-las. Não é um diálogo quando há ameaça de violência de uma das partes. Disse considerar os temas discutidos aqui como moradia, permanência, cotas, Hospital Universitário extremamente importantes muitos dos quais merecem um diálogo, mas esse diálogo, lamentavelmente está sendo destruído pelas condições de violência que o comando de greve levou adiante como metodologia. Considera um passo importante e necessário para a discussão desses temas, com a importância que eles merecem, que o comando de greve reconheça que essa metodologia é um erro; que não é correto perseguir professor, invadir sala, bloquear sala de aula. Deve haver um reconhecimento do comando de greve que esse método é um erro e que ele não seja repetido. Assim, podemos ter um verdadeiro diálogo. Com relação às sindicâncias, disse não gostar da palavra repressão porque como podemos garantir um mínimo de respeito aos direitos das pessoas, questionou. Repetindo a Profa. Elisabeth que disse que a decisão da assembleia deve ser respeitada etc., disse que nenhuma assembleia pode decidir violar os direitos individuais, isso não é legal. O Congresso Nacional não pode passar leis que violam direitos individuais. Não é legal. Disse não considerar como justificativa dizer que a decisão da assembleia é invadir uma sala, perseguir um professor. Isso está claramente configurado no Regime Disciplinar e há um limite do que pode ser feito como movimento político. Também disse ser contra chamar essas ações de greve. Uma greve, um boicote estudantil é a atitude de não entrar em sala de aula. Se essa greve ou esse boicote é algo que os alunos, em sua maioria, estão a favor fará com que eles não entrem em sala de aula e não haverá aula. Se há o bloqueio da sala de aula, estão impedindo que os alunos, verdadeiramente, manifestem a opinião deles. Prosseguiu dizendo ser contra entrar em sala de aula por essa pauta. Estão forçando uma situação que impede que os alunos se manifestem, livremente, a favor dessa pauta. Estão indo contra essa pauta com essas atitudes. Sobre judicializar ou criminalizar o movimento estudantil, voltou a dizer que temos um mínimo conjunto de regras de convivência e, não é a favor de uma sindicância porque o professor ficou mais dez minutos na sala; está falando de coisas sérias que fora da USP, sim, seriam consideradas crime como perseguir um professor pelo campus, de carro, para ver onde ele vai dar aula, tentar invadir a sala de aula dessa pessoa para que não haja prova. Nesta sexta-feira houve uma invasão de sala de prova. O Professor foi seguido até a sala onde se reunia com os alunos para decidir o que fazer com a prova, bateram na porta e fizeram barulho para impedir que ele conversasse com os alunos e isso não é um crime, perguntou. Disse ser contra judicializar fora da USP. Temos regras de convivência mínimas e como vamos nos assegurar que

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

essas regras sejam cumpridas, questionou. Há que haver, sim, um mínimo de regras de convivência. Até que o comando de greve se manifeste contra esses atos de violência não considera que esteja havendo nenhum tipo de diálogo verdadeiro e considera que não está sendo dada a importância que merece essa pauta, dado isso. A **Sra. Dimy Sanches** desculpou-se por eventual fala ruim, mas porque essa pauta se relaciona bastante com ela e está bastante envolvida. Sobre os vídeos que vazaram, disse que fizeram um esforço absurdo para que esses vídeos não vazassem no intuito de proteger a imagem dos estudantes e dos professores, inclusive, já que nesses vídeos há coisas absurdas sendo feitas pelos professores e não queriam expor, inclusive, nenhum professor. Foi vazado de maneira completamente irresponsável, editando vídeos, pegando apenas o que interessava a essas pessoas mostrar; registrou seu repúdio quanto a isso. Prosseguiu dizendo que alguns professores se encaminharam à mídia e, ao invés de darem um esclarecimento, tomaram para si a posição de que são eles que estão aqui lutando pelo conhecimento, os alunos estão impedindo o saber. Disse estar aqui há sete anos, muitos dos que estão aqui foram seus professores e que é uma boa aluna. Declarou não aceitar que lhe digam que está impedindo o conhecimento porque não está, disse ser uma boa aluna, séria, que muitos dos que estão aqui a conhecem. Considera um absurdo alguns professores e alguns alunos irem à mídia tomar para si a prerrogativa de donos do conhecimento, porque não são. Sobre as sindicâncias, disse que tem se falado que há um processo e apuração, mas não é simplesmente um processo de apuração. Em sete anos que está aqui disse nunca ter visto acontecer sindicância assim, a torto e a direito. Por invadir sala de aula, indagou. Informou que quando entrou aqui podiam usar a sala de aula para estudar. Disse que precisam desse espaço para estudar e se agora vão trancar as salas de aula, poderá alegar que a estão impedindo de usar a sala de aula e sala de aula é de quem, é para quem, indagou. Considera que é para que eles a usem, também. Reiterou que sindicância é sim repressão e que foi citada em uma das sindicâncias de forma completamente arbitrária, porque o Centro Acadêmico está sendo criminalizado. Não é só o comando de greve, é também o Centro Acadêmico do qual faz parte e frisou que está sendo criminalizado de forma irresponsável. Foi citada em uma das sindicâncias sem nem saber por que e membros do Centro Acadêmico sendo citados que sequer vieram aqui durante a greve, há pessoas que não vêm ao IF há dois meses e estão sendo citadas nessas sindicâncias, portanto crê que seja repressão, sim. A questão de tratar piquete como violência vai gerar uma guerra sobre onde começa a violência porque também se sentem violentados. A violência começa no piquete ou começa no professor que, como única alternativa, oferece zerar as provas, oferece repressão, oferece sindicância. Crê que nem compensa entrar nessa guerra de onde começou a violência. É nítido que os estudantes são o elo mais fraco então, falar de violência é como falar de um adulto que apanhando de uma criança diz que ela está sendo violenta. Essa é a posição que queria colocar e sugeriu que todos pensassem sobre a questão das sindicâncias para que fosse suspenso esse processo cuja existência é absurda e está sendo arbitrária. O **Sr. Luiz Fernando Rodrigues** disse que se fala que não se pode cercear o direito individual a partir de uma decisão tomada democraticamente e perguntou por que estão cerceando o direito das pessoas de irem à aula, perguntou aos professores que não oferecem alternativa alguma apenas um belo zero; onde está o direito de greve dos alunos. Não respeitam o direito de quem quer ir à aula, mas e de quem quer ir para a greve, como é, indagou. Infelizmente, o piquete foi o jeito de assegurar esse direito, para que se tenha a discussão e para esse professor que não deixa alternativa não deixam dar aula. Comentou, ainda, que durante duas ou três

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

semanas houve um bloqueio, um piquete físico e as pessoas que estão lá fora que não conseguem entrar na Universidade, não tem como se manter, o bloqueio está lá todos os dias, um bloqueio invisível. Disse que isso é o que o movimento está defendendo. Lembrou que assim como existe o cerceamento do direito de greve dos estudantes, não se dando alternativas de avaliação, também está existindo um cerceamento, por parte da Reitoria, de corte de ponto dos funcionários que estão em greve. Solicitou que na reunião da Congregação de amanhã haja um posicionamento com relação ao corte de ponto dos funcionários que também estão ameaçados de perder sua sede, tal como o espaço dos estudantes da ECA e aqui do IF e, ainda, solicitar ao Diretor do IF que não cortasse o ponto dos funcionários que aderem à greve dos estudantes. Prosseguiu perguntado se coação é pedir que tenham uma outra forma de avaliação ou coação é não dar nenhuma forma de avaliação e dar zero. O **Sr. Diretor** esclareceu que o eventual corte de ponto não é um assunto de deliberação da Congregação, é responsabilidade sua. O **Sr. Zeca Carvalho** disse que a Congregação pode discutir assuntos que são responsabilidade do Diretor, mas que ela tenha uma avaliação porque considera que sejam importantes para o IF. O **Sr. Diretor** voltou a informar que não cabe a ela deliberar porque a responsabilidade é apenas e tão somente sua. O **Sr. Zeca Carvalho** disse que ela pode discutir sobre isso e o **Sr. Diretor** respondeu que quanto quiser. O **Sr. Zeca Carvalho** prosseguiu dizendo que a Sra. Dimy havia colocado muito bem a questão de quem havia sido violento primeiro e que não queria entrar nisso e que o fato é que houve violência desproporcional em todos os piquetes e o **Sr. Diretor** aparteu que nisso concordavam. O **Sr. Zeca Carvalho** prosseguiu dizendo que os estudantes grevistas sempre foram respeitosos e buscaram o diálogo, embora admita que possa ter havido um ou outro excesso, mas isso é muito diferente de incitar a violência como alguns professores, a Profa. Renata Funchal, por exemplo, que disse que os alunos poderiam forçar a entrada na prova que aplicava no IAG e um estudante agrediu um estudante grevista, segurando-o pelo pescoço. Informou que há um Boletim de Ocorrência sobre isso. Considera esse um fato muito grave e até desproporcional. Os professores que deram alternativas para os grevistas, que se propuseram a repor provas ou que se propuseram a avaliações alternativas não tiveram problemas de perseguição. Considera que as sindicâncias são completamente arbitrárias, estão para amedrontar, colocar pressão e estão aí na tentativa de pasteurizar este Instituto. Disse que isso não é de hoje e que há professores que levam sua disciplina como se fosse um segundo vestibular, levam a matéria para selecionar os estudantes que merecem ser Físicos. Em 2013, um dos melhores estudantes deste IF, por um contexto político, foi desligado de seu grupo de pesquisa e foi para outra Universidade onde é um ótimo estudante. Um bom aluno, boas notas, bem articulado e que não será esquecido. Considera grave por parte dos professores que abriram essas sindicâncias esse processo de pasteurização do Instituto. Declarou não saber quais podem ser as punições desses processos administrativos, mas que é sabido que há alunos que se receberem suspensão ou até mesmo advertência verbal terão sua permanência prejudicada. Considera séria a ideia de processar mais de cem estudantes, disse não saber se há cem estudantes envolvidos nas sindicâncias, mas há mais de cem estudantes envolvidos na greve e considera absurdo se esses estudantes forem expulsos. Isso seria uma perda gigantesca no que se refere à convivência das pessoas, à capacidade desses alunos, um absurdo desproporcional. Disse que quem ameaçou de morte, quem expôs estudante grevista foram os antigrevistas, houve professor constringendo estudantes no *facebook* por serem amigos de pessoas grevistas. Disse surpreender-se com professores que se sentiram intimidados por seis ou sete estudantes que foram à sala

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

de aula negociar uma reposição, negociar uma alternativa. Nenhum grevista ameaçou de violência, nenhum grevista expôs professores publicamente. Considera, então, haver uma desproporcionalidade nesse debate e isto posto pensa que as sindicâncias são para intimidar, reprimir e não para esclarecer. O **Prof. Chamon** disse ter uma visão ambígua sobre o que estão discutindo agora. Por um lado, vê com bastante alegria os estudantes voltarem a discutir questões importantes, não só aqui na USP, mas viu estudantes do segundo grau saindo às ruas, fazendo manifestações etc. Disse ser de uma época que viveu a ditadura e os estudantes, naquela época, tinham uma importância muito grande do ponto de vista político. Esse tipo de coisa estava adormecida nos estudantes do Brasil e há muito tempo não se via, portanto vê com satisfação acontecer de novo. Por outro lado, as manifestações que têm ocorrido no Brasil, em particular aqui no IF, têm sido feitas um pouquinho usando a força. Não só aqui, mas nas ruas onde se vê coisas sendo queimadas, quebradas. Isso não é legal. Não acha interessante. Particularmente, crê que todos têm direito a manifestação, mas essas coisas têm limite. Democracia é convencer os outros através do diálogo e não através da força. Disse estar falando de maneira geral e, em particular também, pois foi o que viu de estudantes e de professores aqui que tentam convencer os outros pela força e não pelo diálogo. Disse perceber que os estudantes não consideram que o piquete foi uma violência. Opinião deles. A maioria dos professores, com certeza, considera que isso, sim, foi uma violência. É preciso ver o ponto de vista de cada um. Com relação às sindicâncias, acredita que o Sr. Diretor vai falar sobre isso, pensa que quando alguém faz um pedido de sindicância que está mais ou menos justificado, cabe ao Diretor mandar isso para a frente; não pode impedir porque isso seria prevaricar. Por lei ele é obrigado a pedir a sindicância e não tem que ser cobrado. Isso é lei e tem que ser cumprida. Disse esperar, sinceramente, que essas sindicâncias não resultem em penas graves para os estudantes. Com relação aos vídeos, no seu modo de ver, o principal responsável pelo vazamento dos vídeos é quem fez. Se não tivessem feito, não teria vazado. Quem tem a responsabilidade de guardar isso são vocês, disse, referindo-se aos alunos. Resumindo, disse que o Prof. Salinas foi seu professor quando tinha a idade deles e que foi, de longe, um dos melhores professores que teve aqui na Universidade, no IF. Disse ter muito respeito pelo Professor Salinas. Informou que ele também foi militante político, salvo engano foi do partido comunista. Admitiu ter ficado bastante chateado quando viu o vídeo porque entende que cometeram uma violência com o Prof. Salinas. Ele é uma pessoa de idade, é uma pessoa que trabalha no IF e foram invadir a sala dele. Ele não pediu que ninguém fosse lá onde estava fazendo uma reunião com pessoas que estavam lá por livre e espontânea vontade. Disse ter visto que o professor empurrou algumas pessoas, mas a violência partiu dos alunos; ele apenas reagiu à violência. Não sabe se ele está certo, se está errado, mas a violência partiu dos alunos, os alunos foram à sala dele, seguraram a porta e tomaram essas atitudes. Se alguém fosse à casa de vocês, empurrasse a porta, gritasse e não os deixasse fechar a porta, não considerariam isso uma violência, indagou. O **Sr. José Clovis Lima** disse ser um cristão novo aqui no Instituto de Física; um cristão novo de modo geral e, por isso, pretende fechar esta exposição rápida com esta mesma expressão. Informou vir de uma casa onde esse tipo de convivência já não é possível mais. Há dez anos isso ocorria e viam que isso era orgânico na Instituição, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Quando diz que perdemos isso, significa que perdemos mesmo, perdemos a capacidade de diálogo e isso é muito sério porque é uma Instituição que preza o diálogo. A Universidade tem essa característica, as divergências devem ser sanadas através do diálogo. Quando se rompe com isso, acaba-se com o espírito da Universidade. Propôs uma solução de

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

compromisso para ser encaminhada à Congregação de amanhã. Disse que, discordando do Prof. Chamon, entende que há a obrigatoriedade de se fazer a instauração de um processo de sindicância administrativa. A seu ver isso é um tiro no pé da Instituição porque tudo que ouvimos antes, acusações de lado a lado, tudo isso aflora de forma que não se tem controle, e aí é do ponto de vista jurídico. Quando se abre uma sindicância, um processo administrativo que é o mais complicado, as partes têm que constituir um advogado para se defender; não há controle algum sobre isso e a Universidade, no seu Regimento de 1972, tem uma série de proposituras que podem sim levar um aluno que aos dezoito anos resolve fazer um ato de protesto, de reivindicação, um ato de violência a ser penalizado pelo resto da sua vida, perdendo a possibilidade de prosseguir a sua carreira acadêmica e a sua vida profissional. Isso é o mais grave de tudo. Disse que sindicância, de um modo geral, é muito complicado. A Congregação tem a possibilidade de estabelecer um pacto, uma propositura daqui para frente. Disse que, particularmente, é contra os piquetes e os cadeiraços porque eles impedem a possibilidade de se convencer as pessoas. Podem-se criar outras estratégias de convencimento. Para encerrar, voltou à questão do cristão novo e disse que quando se perde a identidade, a partir de uma perseguição, se perde as origens. Este Instituto tem origens na adversidade, e é muito rico. Disse fazer um esforço diário para levar as pesquisas e os eventos acadêmicos para divulgação na mídia e, às vezes, não consegue emplacar e, muitas vezes, um evento como esse vídeo na *internet* faz com que se exponha o IF de uma forma que não é correta. Todos nós perdemos com isso, todos. Nenhuma das partes ganha com isso e o Instituto perde. Temos que estabelecer um ponto de início para chegarmos onde queremos. Disse que o que queremos aqui é que sobressaíam as pesquisas, os eventos, as atividades acadêmicas do IF e isso é o que temos que pleitear a partir desse momento. Prosseguiu dizendo que daqui para frente, na hora de pensar uma estratégia, pensemos o que isso repercutirá na nossa vida acadêmica, quais vão ser as consequências disso. Não sabe se está certo, mas de uma coisa tem certeza: quando se lava roupa suja expondo para fora, todos perdem. A **Profa. Maria Teresa** falou sobre o texto que foi lido sobre essa exposição do IF de forma negativa, sobre os filmes etc. Perguntou o que se lucra no IF e na USP de levar o que foi levado para a mídia, que não entende o que está acontecendo aqui, e cuja posição é dizer péssima para a USP e péssimo para o IF. Essa não é a primeira vez que isso acontece. Disse não ter visto os filmes, apenas ouviu falar e pensava que eram os alunos grevistas que haviam levado para a mídia e que ficou muito surpresa com o depoimento de que não foram eles. E que foi levado com nomes, inclusive. Considera isso drástico. Duas ou três pessoas, alunos e professores, que conseguem espaço na mídia para acabar com o IF. Uma tristeza. Concordando com o Sr. José Clovis, considera que isso é um tiro no pé, é um erro imenso que se faz aqui. Qual é o objetivo, do aluno ou do professor, de levar esse vídeo para um programa de televisão ou espalhar na *internet*, perguntou. Disse não entender. Considera que isso seja uma coisa a ser levada à Congregação e disse saber que existem discordâncias sobre o que foi a violência e os piquetes, mas pensa ser positivo ouvir os dois lados. Levar para a mídia algo que só vai denegrir o IF e a USP, é incompreensível. O **Prof. Marcio Varella** se solidarizou com a Sra. Dimy, que foi sua aluna duas vezes e que de fato é o que diz ser. Disse que ela, certamente, seria aceita em qualquer Programa de Pós-Graduação do Brasil, e em muitos do mundo, e que não gostaria de perdê-la, ainda mais por um motivo desses. Disse que tem se colocado solidário aos alunos de maneira crítica e que disse mais de uma vez que considera o bloqueio uma arbitrariedade e, pelo menos simbolicamente, um ato de violência. Considera que eles têm uma dose de responsabilidade, sim, sobre o vazamento dos vídeos. Não é questão de acusá-los,

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

de apontar o dedo e nem de condená-los, mas eles não podem se furtar completamente à responsabilidade e à reflexão. São jovens, mas são adultos. Disse realmente achar que podem estar perdendo uma chance, com essa discussão à base de sindicâncias, de uma reflexão que permitisse o arejamento das práticas do movimento estudantil. Disse que muita coisa boa aconteceu e que tinha aprendido bastante sobre creche, sobre hospital e que estamos aqui nos informando por causa do movimento dos estudantes, mas não considera que a Assembleia seja a instituição máxima da democracia; muitas vezes a Assembleia acaba sendo uma forma de legitimação de arbitrariedades. Ao mesmo tempo, considera que as sindicâncias foram abertas num clima em que havia um discurso de punição e de criminalização e chegamos a um ponto em que é muito difícil separar uma coisa da outra. Os alunos reclamam da relação docente/discente, que as disciplinas são conduzidas como se fosse uma nova seleção etc. e tal. Disse que há uma dose de verdade nisso e que o corpo docente não pode negar, também têm uma oportunidade de arejar a relação docente/discente nesse momento de crise e, mais do que isso, poderiam arejar a própria relação entre os docentes. No IQ, quando se anunciou o piquete dos alunos de lá, o corpo docente se posicionou como corpo docente. Nós, aqui, reafirmamos nossas divisões, os grupos as seções etc. Demoramos demais como corpo e os grupos que foram se manifestando, atropelando não deixavam de ser minoritários, assim como as assembleias. Disse que dois lados cheios de razão são o ingrediente fundamental para os conflitos que não acabam e sugeriu que todos aqui deveriam fazer uma autocrítica e aproveitar esse momento, não para fazer isso daqui, mas para arejar todas as relações no IF. O **Prof. Ivã Gurgel** disse que as falas que o antecederam já expressaram bastante do que ele pensa e resumiu dizendo que tentaria encaminhar alguma proposta para discussão. Disse que a palavra diálogo era a mais repetida nos últimos tempos por aí e que o Prof. Gustavo Burdman havia indicado duas coisas importantes que são: entender com cuidado o que é diálogo, é preciso conceituar essa palavra e o diálogo é uma coisa que não vai existir se não houver confiança entre as partes. Acrescentou que confiança; respeito, não só o respeito pessoal, respeito intelectual entre as partes. Considerar que alguém que está falando algo diferente de nós pode ter validade e, se isso não acontece, não há diálogo será uma soma de monólogos. Sua principal discordância vem de uma percepção de que o diálogo não foi rompido agora; na verdade esse diálogo vem sendo rompido há muito tempo e disse que tem visto pouco diálogo desde que entrou aqui. Disse que o que vivemos nos últimos tempos foi só um acirramento de um fenômeno sociológico que ocorre há muito tempo. Disse perceber que esse diálogo não existe em quase nenhuma instância deste IF, mas focando na questão do movimento estudantil que é a pauta, o que tem visto nos últimos três ou quatro anos, como comentaram o Prof. Chamon e outras pessoas, com muito bons olhos, o grupo estudantil se mobilizando muito mais, o que vê é um desrespeito e uma falta de diálogo. Mesmo quando são movimentos muito mais brandos como há três anos a ocupação da sala 311, que na prática não afetava quase nada a vida de ninguém, já houve muita revolta contrária. Então, temos um processo que vem de longe e, olhando isso mais historicamente, não o espanta o que vivemos hoje porque é um processo que está se acirrando e está se tornando cada vez mais duro. Um exemplo importante é o que foi citado pelo Sr. Zeca Carvalho sobre um dos melhores alunos que já tivemos aqui no IF, do qual teve a sorte de ser professor, que perdemos por falta de diálogo e por um boicote ao fato de ele ter resolvido se mobilizar com seu próprio direito. Tentando ir numa direção mais propositiva, disse que se se identifica esse problema tem que indicar alguma solução. Indicou que mais importante agora é uma tentativa de conciliação entre as partes, o que significa as partes exercendo os seus

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

direitos e avaliando seus próprios erros. Para que os estudantes possam se mobilizar de modo legítimo, daqui para frente, que haja algum acordo que permita aos estudantes se mobilizarem, terem seu direito garantido, sem precisar do uso de alguns instrumentos que muitos criticaram. Em termos práticos, disse, muito do incômodo dos estudantes vinha de se resolverem fazer greve, interromper suas atividades discentes, depois elas não podem ser repostas e, muitas vezes, nem podem fazer as avaliações do curso. Então, eles tiveram um direito restrito. Propôs que, partindo do acordo de conciliação, em momentos em que os estudantes decretarem greve, as CoC's possam ser instância de mediação entre os estudantes que estão se mobilizando e os docentes que querem continuar suas atividades. Sugere que as CoC's possam intermediar para se chegar a um compromisso dos estudantes terem a oportunidade de repor o que foi perdido nesse período. Disse ser uma ideia que poderá ser muito maturada, mas que talvez ajude a fazer com que a mobilização estudantil continue colocando temas importantes em pauta sem que cada vez que isso acontecer caia rapidamente no conflito. Disse que o que viu ultimamente é que num dia de paralisação em que os estudantes ainda não haviam decretado piquetes o clima já estava extremamente tenso. Considera que deveríamos construir regras de convivência para que isso não aconteça. Por isso, como ideia inicial, deixa a mediação das CoC's, mas claramente entende que podemos melhorar essa ideia. A **Profa. Carmen Prado** disse que queria manifestar-se publicamente apoiando a fala do Prof. Marcio Varella e do Sr. Clovis. Acredita que mais do que ficar importantes, as pessoas devem usar esse momento para refletir sobre práticas passadas, aprender com os erros, todos os lados, mas que olhem para frente. Considera que não haverá ganhos se olharmos só para trás. Disse entender seu papel como educadora no sentido de que educar e o desenvolvimento do conhecimento legítimo passam necessariamente pelo debate de ideias, exaustivamente. Crê que como professora, chamar a polícia ou ter que apelar para algum tipo de medida mais extrema para conseguir dar aula, ou coisa que o valha, é um reconhecimento de falência. Pode ser até que, em última instância, isso seja necessário, mas do seu ponto de vista estamos longe dessa história; de sua ótica não esgotamos absolutamente os limites do que seria desejável investir nessa direção. Como não é membro da Congregação, portanto não estará aqui amanhã, manifestou-se no sentido de apoiar a discussão em torno de um pacto em função de defesa do IF, de criação de canais mais permanentes de diálogo para que problemas de todos os lados possam ser resolvidos de outra forma e manifestar seu apoio com relação à continuidade dessa discussão. Disse ver com bons olhos esse movimento dos alunos e que entende que aprendizado é algo que as pessoas precisam trazer para si. Ninguém ensina ninguém que está absolutamente passivo do outro lado, sem nenhum interesse, como se fosse um saco aberto onde se vai colocando conhecimento. O aprendizado é um processo ativo por parte de quem está recebendo e disse ver com bons olhos um processo no qual os alunos estão tomando pé, realmente repensando seu papel em todo esse processo que está aqui. Lembrou que devem estar abertos para o fato de existir outras opiniões, inclusive de pessoas que viveram outras épocas e que precisam ser respeitadas. Finalizou dizendo que queria se manifestar publicamente nesse sentido para o que vier amanhã. A **Profa. Elisabeth Andreoli** disse que não queria repetir o que muitos já disseram aqui e que sua preocupação é com o futuro. O que fizemos agora vai refletir na maneira como conviveremos daqui para frente. Considera que abrir sindicâncias, apontar o dedo, com relação ao painel que está aqui, disse ter ouvido de um professor jovem que isso era um caso de polícia e que não havia dito aquilo e queria saber quem foi que disse. Pensa que se começarmos a agir nesse sentido do você disse isso, você disse aquilo e começarem todos a abrir

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

sindicâncias não vamos construir uma Instituição em que exista respeito, em que exista diálogo. Diálogo no sentido que exista respeito intelectual pelo interlocutor, como disse o Prof. Ivã Gurgel, e temos que saber respeitar. Lembrou que existem pedidos de sindicância feitos por um grupo de professores, mas esse grupo representa um número muito pequeno em relação ao número de professores existente aqui. Existem 140 professores aqui e há pedidos de sindicância feitos, talvez, por 5 ou 6 professores. Considera que isso coloca um pouco a dimensão do que foi esse movimento. Enquanto ele acontecia os outros 130 professores que também se sentiram incomodados não abriram processos de sindicância o que mostra que há outras maneiras de lidar com o conflito que não é abrir processo de sindicância. Isso se reflete na maioria. A maioria dos professores encontrou uma solução através do diálogo. Então, prosseguiu dizendo que temos um aprendizado a ser feito e que não é abrindo sindicâncias uns contra os outros que vamos construir um tecido social aqui e, se queremos respeitar a Instituição, não podemos levar essa imagem da Instituição para fora. A imagem que temos que levar da Instituição é de uma Instituição realmente forte, preocupada em formar pessoas e respeitar essas pessoas. Se não somos capazes de fazer isto aqui dentro, como podemos fazer isso fora daqui. A **Sra. Isabela Bertini** disse que veio responder algumas coisas que foram faladas aqui. Começou dizendo que os estudantes sempre estiveram abertos ao diálogo e que por mais que alguns tenham a opinião de que o piquete não é a melhor forma, ou a mais eficaz, sempre conversaram e procuraram encontrar melhores formas. Sempre que pediam sugestões de uma melhor forma de mobilização que funcionasse, a pessoa dizia não sei, não tenho ideia e houve até quem dissesse que não era sua área de pesquisa. Comentou que não é assim que funciona e disse que sempre estiveram e estão, ainda, abertos ao diálogo. Disse que querem, sim, sugestões e se não acham que essa é a melhor forma de mobilização, que venham às reuniões, participem do grupo de trabalho e conversem com o grupo para sugerir melhores formas. Prosseguiu conclamando que construíssem esse movimento juntos porque a melhora da Universidade é para todos. Disse que gostaria de falar um pouco sobre direito de greve e sobre uma aula aberta que tiveram aqui no IF, para a qual convidaram o Prof. Souto Maior, Chefe de Departamento na Faculdade de Direito, que disse coisas importantes. Disse que queria falar da inversão de valores que está acontecendo na opinião dele e de muitos dos estudantes sobre o direito de greve. Disse que na assembleia dos estudantes, que é sim representativa, e é o órgão máximo de deliberação estudantil, votaram pela greve que significa não ir à aula. Se não tivessem colocado piquete, muitos alunos teriam ido às aulas, as aulas teriam acontecido e os alunos grevistas teriam perdido notas, recebido faltas, reprovação etc. Poderiam abrir sindicância para esses alunos que foram às aulas, indagou. Alegou que eles estão interferindo no direito do grupo de fazer greve. Os professores que estão dando aulas também estão interferindo no direito dos alunos de fazer greve. Disse que quando eles fazem o piquete estão interferindo no direito deles de ir e vir só que se não colocassem o piquete eles estariam interferindo no seu direito de ir e vir, então temos um dilema; alguém ia sair perdendo. Disse que a greve tem pautas que desrespeitam o coletivo e muitas pessoas que nem entraram aqui, ainda. Desrespeitam o futuro. Prosseguiu dizendo que cabe a nós refletirmos sobre o que é mais importante: o direito do coletivo ou direito individual de ir à aula por duas ou três semanas. Fica aí a reflexão. O piquete, na opinião de alguns, pode ser violento; mas os estudantes nunca foram. Nunca receberam ninguém que viesse conversar de forma violenta, nunca agrediram, nunca responderam, nunca xingaram nenhum professor. Disse que estava presente em muitas das intervenções nas aulas e está levando, provavelmente, uma sindicância, também embora não saiba

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

ainda. Disse que apenas entrou na sala Jayme Tiomno e sentou-se. Não fez mais nada. Era uma aula, mas dizem que invadiu sem nem ao menos saberem se estava inscrita na matéria. Era uma aula de graduação, qualquer um da graduação poderia entrar lá. Indagou se a cada aula conferem sua inscrição na matéria. Como alguns já levantaram aqui, a sindicância não necessariamente precisa ser aberta. Sugeriu fazer-se um acordo bilateral, alunos e professores, para cancelar as sindicâncias já abertas sem necessidade de chegar ao final do processo. É uma solução, disse. Quanto aos vídeos, disse que cabe uma reflexão se têm parte na responsabilidade ou não. Alegou não saber e que não tomaria uma decisão nesse momento, mas que eles foram feitos para proteger os estudantes, para garantir que realmente não foram agressivos em suas atitudes com relação aos professores. De certa forma, eles mostram a atitude dos estudantes e também a dos professores. Disse que eles também não queriam que os vídeos vazassem apesar de que os professores são os mais interessados porque muitos dos vídeos incriminam muitos professores de forma muito grave. Os vídeos foram divulgados de forma irresponsável pelos alunos não grevistas e foram editados, frisou. Não foram colocados *on line* completamente. Informou que o vídeo do Prof. Salinas tem quarenta e cinco minutos e apenas divulgaram dois minutos. É muito estratégico colocar-se só a parte que lhes interessa. Isso faz mal a toda a comunidade e, parafraseando o Prof. Ivã e o Sr. Clovis, disse que roupa suja se lava em casa. Considera desnecessário expor essas coisas para a comunidade externa e sugere expor as coisas boas que se faz aqui. Disse que os problemas se resolvem conversando, dialogando. Não é necessário expor os problemas que temos na Universidade, vamos tentar resolvê-los ao invés de ir para a mídia falar mal de nós. Contestou o dizer que é próprio do Prof. Salinas empurrar um aluno, perguntou sobre o respeito e disse que ele não pode encostar num aluno. Nunca um aluno encostou em um professor e estão respondendo sindicância portanto, ele deveria levar uma sindicância, também. Como pode dizer a uma aluna que ela será estuprada, perguntou. Disse que isso não foi divulgado no vídeo e perguntou o que acontecerá se for divulgado. E se divulgarem o vídeo da Profa. Renata Funchal incitando a violência, o que dirá a comunidade externa, indagou. Disse que deveriam agradecer que os estudantes não divulgaram os vídeos. O **Sr. Diretor** agradeceu à Sra. Isabela Bertini, apesar das ameaças. Alguém da assistência disse não ser uma ameaça e o **Sr. Diretor** perguntou o que era, então, a frase “o que acontecerá se for divulgado”. O **Sr. Thandryus Augusto** disse que foi uma hipótese. Prosseguiu dizendo que nas falas anteriores duas coisas o incomodaram; a primeira, um esclarecimento, é que não houve perseguição de professores; isso não aconteceu. O que houve foi o professor colocando dois alunos no carro e levando para algum lugar e, as pessoas não grevistas perguntando ao Comando de Greve onde era a prova porque o professor não avisou. Há pessoas que querem furar a greve e fazer prova e pedem para o Comando de Greve. Uma situação absurda porque o professor não avisou onde é a aula. Não houve perseguição de professor. A segunda coisa é que ouviu bastante que deveriam convencer os alunos a participar da greve. Julga complicado porque têm que convencer o aluno, argumentar, dialogar, mas quando um professor zera todas as notas de um aluno porque está participando da greve surge o medo de fazer greve. Disse ter acontecido de professor mudar a nota do aluno, dois meses depois, porque o aluno estava participando da greve. Então, o professor pode zerar todas as provas e dizer que vai reprovar o aluno, mas os estudantes têm que fazer o convencimento e indagou como dialogar com isso, qual é o argumento contra isso. Deixou a questão para a assistência questionando o que devem responder quando um professor diz que vai reprovar um aluno se ele entrar na greve, dado que não têm respaldo para ir contra o professor e impedi-lo. Informou

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

que levaram uma proposta de calendário de reposição de aulas que não foi aprovada. Com relação aos vídeos, esclareceu que no vídeo específico da aula, onde havia cinco alunos de uma turma de cinquenta, e um dos alunos presentes disse que só estava lá por medo de ser reprovado pelo professor e ele precisava passar na matéria. Disse que o professor não estava aceitando provas de ninguém, grevistas e não grevistas, disse que reprovaria a turma inteira e se tratava de uma matéria obrigatória que atrapalharia em um ano a graduação de cinquenta pessoas. Informou que foram até o professor pedir que aceitasse a prova dos alunos que não estavam participando da greve porque ele não queria aceitar. Disse que subiu porque havia escutado um áudio do professor dizendo a uma amiga sua que ela seria estuprada e foi lá para saber o que estava acontecendo. Prosseguiu dizendo que justamente esse era o problema e por isso não queriam essa exposição porque não queriam expor um professor assim. O vídeo é para a proteção dos alunos, visto que na greve anterior, em 2013, houve professor ameaçando alunos com barra de ferro. Disse ter certeza de que o vazamento não foi por culpa dos estudantes, aconteceu por diversos motivos. Informou que vários professores de certo Departamento solicitaram acesso ao vídeo que estava no *driver* dos estudantes. Considerou curioso, como também considerou curioso que um professor do IME divulgasse seu celular o que resultou em ameaça de morte e várias ligações ameaçando-o, bem como ameaças por mensagem de *whatsapp*. Voltou a dizer que quem havia postado o seu celular fora um professor do IME e entende que os professores têm que ter mais responsabilidade e falou sobre uma amiga sua que foi coagida por um professor pelo *facebook*. Disse considerar que aí cabe a nota de repúdio do IF que, no seu entendimento, deveria ser postada no USP Livre já que como teve seu nome divulgado tem direito de resposta. É uma questão de responsabilidade mesmo, como foi dito anteriormente, esse tipo de coisa só traz imagem negativa para o IF. Lembrou que alguém disse numa reunião do GT que era incrível que o IF só aparecesse em páginas policiais e nunca em páginas de pesquisa. Sobre as sindicâncias, disse que não queria falar muito porque foi um dos que mais receberam sindicâncias, mas considera estranho o jeito como o IF trata de casos mais graves porque recebeu oito sindicâncias e, para o IF, é oito vezes pior do que várias pessoas aí com sindicâncias. Prosseguiu dizendo que há casos em que não foram abertas sindicâncias, o que mostra que a abertura de uma sindicância não é obrigatória. O próprio Prof. Souto Maior informou que se vai passar na Congregação a abertura de sindicâncias, ela é o órgão máximo aqui. Voltou a pedir que a nota de repúdio seja publicada pelo IF e, se possível, mandada ao USP Livre também, porque esse tipo de exposição não é bom, principalmente para o professor que no vídeo divulgado fala vários absurdos. Disse ser totalmente contra divulgar os vídeos inteiros do professor, mesmo que isso ajudasse para que não recebesse ameaça de morte, porque realmente não interessa expor o professor, com 70 anos, e respeitado aqui dentro. Não era intenção dos alunos divulgar esses vídeos, foi um vazamento irresponsável e, minimamente, o que deve ser feito é repudiar essa divulgação e quem tentou acessar o *driver* para divulgar um vídeo que era sigiloso. A **Profa. Mazé** defendeu que em uma época de crise como essa que vivemos, o que aconteceu foi que as nossas características apareceram exacerbadas, tanto por parte dos alunos quanto dos professores. Disse ter a impressão de que se há alguma sindicância aberta será pela razão de existir patrimônio público depredado e conclamou o Sr. Diretor a desmenti-la, se for o caso. O **Sr. Diretor** disse que não há nenhuma sindicância aberta e nenhum pedido de abertura de sindicância por dano ao patrimônio. A **Profa. Mazé** prosseguiu dizendo que considerava a ideia de um pacto com a eventual mediação de alguém, capaz dessa mediação, para que se olhe e se analisem os erros, porque nossas

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

características aparecem tão exacerbadas nessas situações de crise e disse ser inegável que há grupos, tanto de professores quanto de alunos, que em geral já têm na convivência cotidiana um jeito pouco colaborativo no sentido intelectual, no sentido de relacionamento, que nessas crises aparecem dessa forma. E, se os alunos não podem, os professores também não podem passar de situações de respeito uns com os outros ou com qualquer outro membro. Não há justificativa, de nenhuma parte, para excessos na convivência. Nesse sentido, resumiu, o que vamos ganhar olhando para essas nossas características piores com abertura de sindicâncias, questionou. Escolher a dedo para que se ponha na árvore do IF e para que nunca mais se repita esse mal. Considera que não vamos ganhar nada nem para mudar nossos hábitos. Disse que gostaria de discutir outras formas de mobilização de maneira racional. Pensa que não é assim que vamos resolver o futuro. Disse que ao contrário dos colegas e do Sr. Clovis, quer que o IF tenha a imagem real dele. Não quer fazer uma imagem pitoresca, falsa do IF. Mas, nós não somos esse pior lado. Esse pior lado que apareceu, de alunos e de colegas, não é o IF no seu cotidiano. Disse que sua preocupação não é com a imagem, é com a realidade da nossa convivência. Não vamos ganhar nada com as sindicâncias. Observou nas discussões havidas aqui que não temos uma maneira uniforme de pensar; ao contrário, temos várias facetas, várias diferenças, o que é ótimo e temos que aprender a conviver com elas e em alguns momentos fazemos alguma coisa consensual. Neste momento, nós os diferentes, devíamos ter a consciência de que não havendo essas sindicâncias com o motivo de depredação ao patrimônio público, agressão física irrefutável entre pessoas, que negociemos um pacto, já se falou num docente com grande habilidade de mediação que se propôs, para que se retire essas sindicâncias e que elas não prossigam. Se em algum momento for percebido quem vazou o vídeo, caberá alguma medida. Se virem o vídeo, perceberão que só dá margem à violência e a comentários violentos. Os comentários que estão lá, a menos que os alunos sejam atores, são absolutamente contra os estudantes. Perguntou se vamos incitar isso, se vamos botar mais lenha nessa fogueira. Para que se consiga minimizar essas violências que ocorrem entre nós, que se exacerbam nos momentos de crise, temos que ter a capacidade de lidar com isso no cotidiano, que não temos tido, e nas crises. Considera que os alunos estão aprendendo, mas os professores já tinham que ter aprendido. O **Prof. Ricardo Galvão** disse que começou com a apresentação da Profa. Suzana Salém, que teve uma atitude um tanto maternal, que é interessante e também se congratula com os alunos por se preocuparem com os problemas da sociedade, em particular da Universidade, e é bom voltar a esse movimento. Mas, somos educadores, disse, e os alunos têm que entender que greve começa em situação de conflito, sempre é uma situação de conflito, então é um aprendizado porque um grupo vai fazer força para tentar um convencimento e o outro vai fazer força contrária e aí os limites de comportamento é que aquela sociedade onde está sendo feito é que define isso. Os alunos têm que entender que é uma situação de conflito. Dentro dessa situação de conflito, e aí disse discordar um pouco do Sr. Clovis, por ter sido Diretor de um instituto de pesquisa por sete anos, disse que se qualquer funcionário do IF pede abertura de uma sindicância, o Diretor é, sim, obrigado a abrir a sindicância. É considerado prevaricação não o fazer e, no caso da USP, se não for feita o interessado pode requerer à Comissão de Ética. Uma Congregação não pode evitar um pedido de abertura de sindicância, isso não pode ser feito. Também a comunidade não pode impor sobre o direito individual das pessoas que é garantido por um Estatuto universal. Ela tem o direito de solicitar uma sindicância. Disse ter gostado muito da proposta de todos de tentarmos convencer os dois lados para chegarmos a um acordo. Disse não ter ouvido dos alunos a proposta que vão fazer para conter

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

um pouco suas verdades, para escutar as verdades dos outros; o que estão propondo ao grupo que está pedindo sindicância do lado deles. Repetiu que não viu nenhuma proposta. Afirmou dizer isso de cátedra, muitos dos estudantes presentes já foram seus alunos, e ele foi um dos altamente atingidos porque um dos alunos colocou no *facebook* que ele é racista, é elitista, sendo Presidente da Sociedade Brasileira de Física. Isso rodou todo o país e ele recebeu mais de cento e cinquenta mensagens e não abriu sindicância, embora diga que foi violentado. Disse que os alunos que estão presentes sabem, por seu comportamento em sala de aula, se ele é racista ou não. Disse que pode fazer piada contra os que não são corintianos, isso faz mesmo, mas não se lembra de algum dia ter sido racista. Não abriu sindicância e não vai fazer nada contra os alunos. Afirmou ter *facebook*, mas ser ideologicamente contrário às redes sociais, mas recebeu e tem a prova com o nome do aluno, mas não abriu sindicância. Houve, sim, exacerbações por parte dos alunos e eles têm que reconhecer isso. Informou ter sido preso por um dia durante a ditadura militar e disse que quando fazemos um movimento temos que saber conter os exacerbados que fazem parte do grupo, não podemos simplesmente assinar embaixo de tudo que eles fazem. Disse que gostou muito da proposta de propormos um diálogo e que gostaria de terminar isso hoje, para levar à Congregação uma proposta vinda dos alunos, para que aqueles que pediram abertura de sindicância aceitem cancelar esse pedido e aceitem uma proposta de diálogo. Indagou o que os estudantes pretendem fazer para reparar um pouco as ofensas que fizeram, a violência, porque violência não é só bater. Quando colocam no *facebook* que o professor fez isso, quando colocam que o professor fez ameaças sexuais sem citar nomes, todos os professores homens do IF estão envolvidos naquele quadro. Se uma pessoa sofre assédio sexual, ela tem que processar imediatamente, entrar na justiça e não colocar num cartaz que os professores do IF cometem assédio sexual, de forma ampla e genérica. Pediu que contivessem um pouco o que fazem. Isso é um aprendizado e que não está criticando. Afirmou ser daquela velha religião Janus, que o Prof. Sérgio Mascarenhas gosta muito, a religião romana Janus que tem um Deus que só olha para frente e para trás. Sugeriu que olhássemos para frente, que propuséssemos um diálogo e que os estudantes reparassem aquilo que têm feito e que pedissem desculpas pelo que foi feito, coisa que não viu, só viu acusações. O **Sr. Diretor** afirmou concordar muito com o que colocou o Prof. Márcio Varella e, ao contrário do que foi dito em alguns casos, considera que é preciso sim discutir um pouco o passado para saber onde começou essa violência de que estamos falando mal aqui porque precisamos entender o processo que nos levou a esta situação que estamos vivendo hoje, porque senão vamos repeti-la no futuro. Pensa que precisamos, sim, analisar isso, mas com olhos voltados para frente e não ficar analisando de onde surgiu para apontar o dedo para o outro, mas sim para entender o processo e tentar criar mecanismos que evitem que isso volte a acontecer. Nesse sentido, comentou a fala da Sra. Isabela Bertini que disse que o piquete é violento, mas que os estudantes não fizeram violência com ninguém com a qual concorda, porém quem fez o piquete foram os estudantes e não podemos dissociar isso. Embora saibamos que individualmente aqui ninguém é violento, mas no coletivo às vezes acontece. Exemplificou dizendo que numa turma onde individualmente todos são perfeitamente razoáveis, juntos lincham alguém. O coletivo, muitas vezes, se comporta de forma que individualmente é inaceitável. O que é importante, disse, é analisarmos isso para não repetir. Falou de vários pontos da pauta que foram levantados pelos alunos e de que recebeu em 23 de junho uma lista de itens do Comando de Greve que queria que assinasse um documento com os pontos acordados e, inclusive, esta Congregação de hoje. Informou que não assinou o documento, mas a Congregação aberta está

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**A T A S**

acontecendo. Disse que o que gostaria de colocar na mesa, inclusive com o que dirá depois, é que entende que ambos os lados têm que ceder e ter um comportamento diferente daquele que nos levou a isso. Sobre a propalada falta de diálogo que ocorreu, lastimou que tivesse surgido dessa forma e disse ter ficado aborrecido de ouvir da Profa. Suzana que estamos aqui reunidos só por causa do piquete, se não fosse o piquete não estaríamos aqui. Disse propor-se a fazer Congregações abertas para discutir assuntos relevantes sempre que for solicitado a isso e de forma que seja razoável para todos. Disse ter ouvido dos alunos que o curso é tão massacrante que eles não têm tempo de fazer outras atividades ou discutir coisas sem fazer greve. Disse não ser possível continuar assim então, ao invés da proposta do Prof. Ivã Gurgel de que as CoC's analisem a forma de fazer com que os estudantes em greve não percam provas etc. sugeriu que a greve dos estudantes não deveria ocorrer nunca. Temos que ter mecanismos de discutir propostas e reivindicações dos estudantes sem que eles precisem fazer greve, porque a greve é ruim para a formação de todos. Vamos abrir canais para que as coisas não cheguem a esse ponto e aí entende que as CoC's têm um papel importante porque, se o curso é tão massacrante que os alunos precisam fazer greve para poder discutir o HU, há algo errado. Considera que precisamos abrir esses canais, mas considera, também, que precisamos discutir outros pontos, como por exemplo, a retirada desses comentários que estão pendurados na parede da biblioteca. Não ouviu nenhuma proposta a respeito, então está propondo agora essa retirada porque eles só servem para acirrar ânimos; eles não estão resolvendo problema nenhum. Pensa que eles até apontam problemas existentes, mas de forma que não permite que sejam solucionados. Eles agredem pessoas, fazem acusações e não resolvem nada. Para melhorar o clima temos que eliminar esse tipo de coisa. Acredita que os alunos não, mas a maior parte dos professores considera esse piquete, trancaço, cadeiraço uma violência e pensa que temos que ter um compromisso de que isso não volte a ocorrer porque temos que criar métodos alternativos de chegar ao diálogo. Temos que colocar tudo isso na mesa. Não adianta só os professores discutirem o HU e quererem levar tudo isso para o Reitor etc. e aqui continuar tudo igual do ponto de vista dos estudantes. Há a ocupação da sala 211 e perguntou por que a sala está ocupada agora se estamos discutindo aqui, o que está faltando para que desocupem a sala. Disse que há pessoas que ficam profundamente incomodadas com a ocupação da sala e com esses cartazes. Temos que analisar os dois lados e propôs, após conversar com o Prof. Fazzio, ex Diretor do IF, ex Reitor da UFABC, aposentado do IF, não sendo professor sênior aqui, é bolsista da CAPES na UFABC, conhece profundamente o IF, viveu aqui boa parte de sua vida acadêmica, mas está fora do IF, além de ser uma pessoa bastante conciliadora e, essas duas qualidades somadas ao conhecimento do IF e ao fato de não estar vivendo aqui nesse momento fazem com que ele tenha uma qualidade boa para ser mediador num caso como este. Disse ter conversado com ele e ele aceitou ser esse mediador, mas só estará disponível depois do dia 6 de julho. Informou que fará uma proposta às partes envolvidas, mas de qualquer forma a sindicância que tem o pedido de abertura, uma só porque a PG mandou juntar todos os pedidos num só, e por sugestão do Comando de Greve terá membros do IO, do IGc e do IB que serão indicados por seus Diretores. Esclareceu que o membro indicado pelo IGc só poderá trabalhar nisso em agosto, portanto, até lá nada acontecerá e aproveitaremos esse tempo para que o Prof. Fazzio faça esse trabalho de conciliação e cheguemos a algum acordo. Disse não poder garantir nada, nem o Prof. Fazzio, mas considera que seja um caminho que possamos percorrer para tirar esses espinhos de nosso caminho e podermos olhar para frente, inclusive em nossas relações internas. Admitiu estar muito mais preocupado com a imagem do IF aqui

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

dentro do que lá fora. Esse fosso que está se abrindo entre professores e alunos, entre professores e professores, entre alunos e alunos é extremamente negativo e preocupante porque temos que ter uma convivência pacífica, apesar de nossas divergências e diferenças de opinião. É ótimo que tenhamos diferenças de opinião, Universidade é para isso. É justamente o caminho do diálogo, da troca de ideias, do debate de ideias que tem que ser perseguido na Universidade e não fazer piquete, por isso temos que conversar e decidir como vamos agir daqui para frente para evitar esse tipo de coisa. Essa é a sua proposta, apenas uma proposta, não pode garantir nada, disse que não assinará documento nenhum como sempre lhe pedem para fazer e amanhã, na reunião da Congregação, discutiremos essas propostas. Disse não se lembrar da moção que foi proposta, mas não crê que seja necessário tomarmos uma decisão na Congregação de amanhã podemos deixar isso para mais para frente. Algumas coisas como HU, problema de moradia de estudantil, tudo bem. As coisas internas é que considera que temos que conversar mais antes de votar alguma coisa. Propôs, ainda, que os itens 5 e 6 fossem discutidos num outro dia dado o avançado da hora. O **Sr. Zeca Carvalho** pediu a palavra para fazer um esclarecimento e pedir outro. Esclareceu que em relação aos cartazes que estão lá fora ainda não têm um consenso, mas que já havia conversado com várias pessoas e já está sendo preparado o material sobre as pautas para ser substituído e, por isso, já estavam pensando em tirá-los. Solicitou um esclarecimento pessoal indagando se os estudantes terão acesso à ata desta reunião, se estará disponível em algum lugar. O **Sr. Thandryus Augusto** esclareceu sobre os cartazes dizendo que eles, a princípio, não estão vinculados com a greve. É apenas para denunciar algo que existe institucionalmente aqui, o assédio dos professores. O **Sr. Diretor** esclareceu que ontem houve uma reunião de Dirigentes e estavam presentes, a convite do Reitor, a Profa. Eva Blay e a Profa. Vera Soares, do USP Mulheres e a Profa. Eva Blay relatou que casos como alguns que são colocados ali como piadas de professor, comentários sobre a beleza ou a falta da beleza etc. serão apontados e serão objeto de sindicâncias ou processos administrativos porque é necessário mudar a cultura machista que vigora, ainda, na Universidade. Isto está sendo explicitamente colocado pela Reitoria. O **Sr. Thandryus Augusto** indagou se já havia sido aberta a sindicância sobre o professor que havia dito algo como isso. O **Sr. Diretor** respondeu que ainda não e informou que pedidos de sindicância têm que ser solicitados explicitamente e não colocar algo no *facebook* ou colocar um cartaz apócrifo na parede e pensa que aquilo será motivo de sindicância. A **Sra. Dimy Sanches** disse, em relação a não adiantar colocar cartazes na parede da biblioteca, que as pessoas não sabem como eles se sentem um lixo e, por vezes, não têm nem coragem de levantar da cama para falar alguma coisa. Disse que já procurou o USP Mulheres porque já sofreu coisas gravíssimas aqui dentro do IF, perseguição, sofreu a nível pessoal e o USP Mulheres não fez nada por ela, por isso quer deixar registrada esta informação de que não é bem assim. O **Sr. Diretor** disse sentir muito, mas os acontecimentos precisam chegar a ele também, mas não desse jeito. Afirmou ser lastimável ouvir isso. A **Sra. Dimy Sanches** concordou que é lastimável e que eles também não sentam segurança na estrutura. Disse que só fazer essa crítica que suas denúncias não funcionam, a estrutura também não funciona. O **Sr. Diretor** disse que a denúncia desse jeito não tem como ir para a frente, é o que está tentando explicar. Reconhece que é difícil, que é complexo, mas é preciso fazer uma coisa mais formal. O **Sr. Thandryus Augusto** disse que, no mínimo, ela já foi para frente porque evidenciou essa cultura de machismo, a LGBTfobia que existe dentro deste IF, já deu um resultado que para eles é positivo. Antes esses casos ocorriam e nada acontecia e citou como exemplo um caso ocorrido no FISTUR,

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

em fevereiro, que até agora não teve resultado. Disse que, particularmente, se acontecesse algo assim com ele não se sentiria seguro em falar com o professor, abrir uma sindicância ou qualquer coisa dessas porque pode haver repercussão negativa para ele próprio, visto que o professor é que vai demandar sua nota, vai poder reprová-lo. Isso é uma das ferramentas que eles têm para mostrar essa institucionalização do machismo, do racismo, do elitismo ou LGBTfobia que existem aqui dentro. O USP Mulheres, como disse a Sra. Dimy Sanches, acaba não fazendo nada, processos internos demoram e, ao invés de só sofrerem calados, evidenciam o que existe já aqui dentro. Dizer que os cartazes não devem ser postos é ser conivente com a cultura que existe aqui dentro. A **Sra. Mariana Cipolla** levantou uma questão de ordem solicitando ao Sr. Diretor que não respondesse por cima da fala das pessoas porque a Sra. Dimy tinha coisas importantes para falar e foi interrompida. Considera que isso é, no mínimo, falta de respeito e pediu que, por favor, não interrompesse as falas das pessoas. O **Sr. Diretor** se desculpou. O **Prof. Ivã Gurgel** concordou que o ideal é não existir greve, mas manteve sua proposta de, no caso de haver, as instâncias de intermediação são importantes para que não caiamos nos mesmos erros. Disse que embora não tivesse aparecido aqui, existia desde o início do movimento a proposta de um grupo de trabalho que, informalmente, já tem trabalhado e uma das coisas que deve entrar em pauta logo é a institucionalização, mesmo que não seja absolutamente formal, desse grupo de trabalho até para poder encaminhar essas discussões. Propor Congregações extraordinárias, propor momentos de colóquios onde se possam convidar pessoas para debater esses temas e trazer dados etc. Considera que não se pode tirar isso de vista. Disse que devemos tomar extremo cuidado para que essas comissões institucionais não se tornem comissões de abafa o caso, o que costuma acontecer muitas vezes. A **Sra. Renata Biazzi** disse entender a demora e a dificuldade de se fazer a ata, mas como está sendo gravado e a Congregação é aberta, perguntou se o áudio pode ser divulgado porque precisam fazer uma avaliação rapidamente. O **Sr. Diretor** afirmou que a ata será feita. O **Sr. José Clovis Lima** mencionou a proposta concreta feita pelo Sr. Diretor, num gesto de boa vontade de todas as partes, pela retirada dos cartazes, a desocupação da sala 211 e, conseqüentemente, a tentativa por parte do mediador, excelente escolha o nome do Prof. Fazzio, no sentido de evitar que essas sindicâncias sejam abertas, ou seja, que as partes possam refletir, fazer os encaminhamentos e retirarem os pedidos. Sugeriu, para não ferir as várias falas que foram feitas aqui, falas bastante fortes, que temos um canal que foi recentemente criado aqui, sob responsabilidade da colega Sra. Renata Ribeiro, que precisa ser um instrumento consolidado de encaminhamento pelas partes; é uma ouvidoria na Instituição e precisa ser acionada. A Sra. Renata Ribeiro é a mediadora, é quem pode fazer os encaminhamentos. Disse que temos canais, mas precisamos fortalecê-los. O **Sr. Diretor** se manifestou dizendo que quanto à retirada dos cartazes etc. prefere esperar começar a conciliação para colocar todas essas coisas na mesa e não pedir gestos *a priori* para uma coisa ou outra. O **Sr. Luis Fernando Rodrigues** perguntou se o Sr. Diretor tinha sugerido terminar a sessão. O **Sr. Diretor** esclareceu que tem um compromisso às 14 horas e precisa almoçar antes. O **Sr. Luis Fernando Rodrigues** disse que essa discussão de cotas já está sendo adiada no Conselho Universitário, na Comissão de Graduação, adiada há trinta anos. O movimento negro não tem resposta ou posicionamento sobre cotas. Já há cinco anos há uma proposta de lei, há a lei de cotas que a USP não cumpre porque é para as Universidades Federais, temos discussões de cisão, e vamos deixar esse tema só para a Congregação fechada, questionou. Perguntou se cotas era menos importante que sindicância e disse que estamos hierarquizando as coisas no IF. É mais importante abrir processo do que

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

aluno negro entrar na Universidade, perguntou. Conclamou as pessoas a olhar em volta e ver a cor das pessoas que estão aqui e disse que é importante discutir isso. O **Sr. Diretor** informou que entraria de férias depois de amanhã por dez dias. Já havia marcado suas férias muito antes do cadeiraço ocorrer e que está precisando muito dessas férias. Propôs marcar outra reunião destas, mas lembrou que julho é mês de férias e talvez não seja produtivo marcar. Disse ter uma informação da reunião de Dirigentes de ontem que é a discussão de cotas estar na pauta da próxima reunião do Conselho Universitário. Não sabe ao certo se em agosto ou setembro. Foi colocada pelo Vice Diretor do IME, que fez uma análise muito boa, a questão do SISU. Ele chamou atenção para o fato do SISU estar sendo parcialmente usado como uma política de cotas na USP porque uma fração das vagas do SISU pode ser colocada para cotas, PPI etc. O mesmo Vice Diretor questionou porque a FUVEST, tal como o SISU, não tem um sistema de cotas. O **Sr. Thandryus Augusto** perguntou se a última reunião do Conselho Universitário havia sido cancelada ou foi remarcada ao que o **Sr. Diretor** respondeu afirmativamente e informou que ela tinha se transformado em uma reunião de Dirigentes. O **Sr. Zeca Carvalho** disse ser uma pena que não se possa fazer uma reunião sobre cotas de maneira qualificada, no seu entendimento a questão principal da mobilização estudantil, e sugeriu uma nova reunião aberta da Congregação para discutir exclusivamente isso. Passou a ler um texto, transcrito a seguir, que diz ser uma reivindicação do movimento que as cotas sejam aplicadas na FUVEST. Disse que como o SISU é por Instituto, talvez quem se recusa a aceitar cotas da FUVEST sejam justamente os Institutos mais elitizados que se recusam a aceitar o SISU ou cotas na Unidade. *"Em 2013, o Conselho Universitário da USP aprovou a meta de ter, até 2018, metade dos alunos egressos de escolas públicas e 35% de estudantes PPI (pretos, pardos e indígenas). Infelizmente a meta está longe de ser alcançada e a USP hoje conta com cerca de 35% vindos do ensino público e 18% PPI. Frente a esse panorama julgamos importante a ampla discussão do tema no IFUSP e necessário um posicionamento da congregação. Sabemos que nosso instituto é mais inclusivo que outros cursos da USP, mas é perceptível a falta de diversidade racial. A construção do conhecimento e a formação científica requerem uma diversidade de opiniões e visões de mundo. Entendemos a USP como um espaço limitado que, apesar de fazer parte de um Estado com uma parcela significativa de população composta por negros, conta com uma parcela ínfima desses dentro da Universidade, sendo a situação ainda mais alarmante para a questão indígena. Uma das formas de garantir a participação dessa diversidade nos espaços de construção do conhecimento é por meio de medidas afirmativas que assegurem o direito ao acesso em universidades públicas ao suprimir questões de discriminação e desigualdade social. Argumentos como a diminuição do desempenho acadêmico da universidade ou como a dificuldade desses alunos em acompanhar os conteúdos abordados nos cursos são utilizados frequentemente pelos contrários à adoção de cotas, no entanto, faz-se necessário ressaltar que, de acordo com dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), alunos cotistas apresentam, em média, desempenho acima ou igual aos alunos não cotistas, em universidades como a Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade de Brasília (UnB) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que adotaram a política de cotas. Além disso, há quem acredite que a política de cotas subverte a lógica meritocrática, usada como critério de seleção na "peneira" do vestibular. No entanto, tal argumento poderia ser válido apenas no caso de candidatos que partem de condições exatamente iguais. As oportunidades sociais se sobrepõem às oportunidades educacionais dentro desta lógica, não sendo possível discutir qualquer tipo de mérito entre candidatos expostos a condições essencialmente distintas. Outra questão*

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A T A S

frequentemente colocada é que a adesão das cotas não soluciona o problema educacional do ensino básico. No entanto, a adoção de ações sócio afirmativas não inviabiliza as reformas de longo prazo dentro do ensino público, não sendo, portanto, medidas excludentes, mas que devem ser aplicadas simultaneamente. Desta forma, levando tudo isso em consideração, exigimos a criação de uma comissão paritária que estude e encaminhe para a congregação propostas para ampliação do acesso em nosso Instituto, tendo em vista a possibilidade de adoção do SISU com cotas étnico-raciais, assim como foi aprovado recentemente no Instituto de Biologia e no Instituto de Geociências. A fim de ampliar o acesso nos cursos mais elitizados de nossa universidade, consideramos importante o posicionamento da congregação favorável à implementação de cotas étnico-raciais pela FUVEST.” Um representante discente leu o seguinte documento do Comando de greve referente aos cortes de bolsas: “As bolsas de auxílio à permanência, moradia, alimentação, transporte e também do Programa de Bolsa Unificada e Pesquisa são vitais para o bom rendimento acadêmico e a qualidade de vida dos estudantes da USP; com ênfase para a grande proporção de ingressantes provindos de escolas públicas e famílias de rendas mais baixas no Instituto e Física. Estamos cientes da situação da crise orçamentária da Universidade decorrente da crise econômica nacional e do menor repasse do ICMS, decorrente do menor poder de compra da população do Estado de São Paulo. Entretanto, é de nosso direito e dever exigir que as bolsas sejam ajustadas segundo a inflação, pois estamos em uma das cidades com o maior custo de vida do país. Além disso, somos contrários aos cortes de bolsas como política da Reitoria e almejamos a ampliação destas para abranger mais alunos e alunas. Além disso, temos sentido uma má comunicação entre as categorias docente e discente para uma distribuição de bolsas ocorrendo uma divulgação insuficiente de projetos vinculados a tais. Vale, também, ressaltar um problema mais geral de pouco incentivo à carreira de cientista no Brasil, pois as bolsas são insuficientes para garantir que os estudantes se dediquem exclusivamente à vida acadêmica, sendo obrigados a exercer outras atividades, sem relação com o meio acadêmico, como fonte de renda o que prejudica o aprendizado, desempenho e formação do aluno e, conseqüentemente, a Universidade como um todo. Desta forma, exigimos que a Congregação do IF se posicione contra o corte e a favor do reajuste de bolsas e que leve tais pautas e posicionamento para o Conselho Universitário.” O **Sr. Diretor** propôs que seja feita uma outra Congregação aberta para discutir com maior profundidade esses temas que não são triviais, nem o de cotas nem o de bolsas. Disse que as várias instâncias podem ficar em contato para vermos qual é a melhor época para fazermos isso, ainda em julho ou agosto. Nada mais havendo a tratar, o Sr. Diretor encerrou a reunião às 12h42min e eu, Maria Madalena Salgado Bermudez Zeitzum, Assistente Acadêmica, redigi a presente ata por mim assinada e pelo Sr. Diretor. São Paulo, 29 de junho de 2016.